O INFANTE DE SAGRES

DO AUTOR

A Morte da Águia, 1909.
A Arte e a Medecina, 1910.
Esta História é para os Anjos, 1912
Sinfonia da Tarde, 1912.
Glória Humilde, 1914.
Cancioneiro Popular (Antologia precedida dum estudo crítico), 1914.
Cantigas do Povo para as Escolas (Selecção e prefácio), 1914.

Com ilustrações de Cristiano de Carvalho

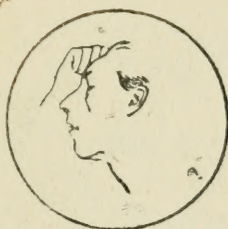
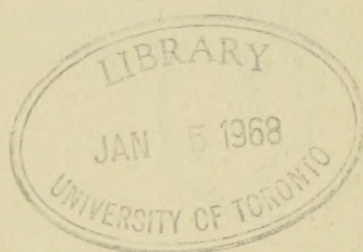
...Daquem e Dalem Morte, 1913.

JAIME CORTESÃO

O Infante de Sagres

DRAMA ÉPICO EM IV ACTOS

COM DUAS COMPOSIÇÕES MUSICAIS DE OSCAR DA SILVA

REPRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ NO «REPÚBLICA» DE LISBOA,
EM DEZEMBRO DE 1916

EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

AOS

MARINHEIROS DE PORTUGAL

PERSONAGENS

D. BEATRIZ E } filhas de Zarco.	Angela Pinto
D. MÉCIA } filhas de Zarco.	Luz Veloso
O INFANTE D. HENRIQUE	Ferreira da Silva
MESTRE ABRAHÃO GUEDELHA, astrólogo de El-rei	Augusto Rosa
LUÍS DE SOUSA CARNEIRO, camareiro-mór de D. Henrique	Chaby Pinheiro
FREI GASPAR, frade dominico, D. Prior da Batalha	Teodoro Santos
JOÃO FERNANDES, viajante e navegador, escudeiro do Infante	Tomaz Vieira
ZARCO, fidalgo e descobridôr	Carlos d'Oliveira
VALARTE, gentilhomem da côrte escandinava.	Robles Monteiro
FREI JOÃO ALVARES, secretário de D. Fernando.	Luís Judicibus
O INFANTE D. FERNANDO	Manuel Rocha
O PRINCIPE D. JOÃO	Beatriz Viana
MESTRE RODRIGO, físico e cosmógrafo do Infante	Menezes e Almeida
JAIME DE MAIORCA, cosmógrafo do Infante	Francisco Sena
ANTONIOTO DA NOLE, navegador genovês.	Rafael Gomes
ALOISIO CADAMOSTO, nobre e navegador veneziano	Júlio Candeira
1.º Frade	Jorge Grave
2.º Frade	Francisco Sena
1.º Cavaleiro	Júlio Candeira
2.º Cavaleiro	Tito Marques
Mensageiro	João Gaspar
Popular	Rafael Gomes
Um moço	Paz Rodrigues
Um pagem	Carmen Fernandes

Cavaleiros, escudeiros, frades, marinheiros, carpinteiros, fragueiros, calafates, pagens, homens e mulheres do Povo.

SÉCULO XV

O actor Chaby Pinheiro diz tambêm um Prólogo à Peça.

ACTO I

Promontório de Sagres. Altas e ásperas fráguas, dominando o Mar, cujo marulho se ouve de toda a volta, como se fosse ao largo e a bordo. Mal se distingue na solidão imensa a linha das águas, ao longe, perdida no horizonte. Á D. vê-se parte da casa do Infante, gótica e alta, de larga portada aberta e um mirante sôbre o Mar. Há luz numa janela. Á E. e ao fundo, numa eminência de rocha, arde uma fogueira. O vento arripia as urzes do Cabo; e no Céu dealba lívidamente a manhã. Antes de se erguer o pano, a orquestra preludia uma toada de romance popular.

SCENA I

JOÃO FERNANDES, FREI GASPAR e DOIS MARINHEIROS

JOÃO FERNANDES

(O moço escudeiro, ao subir do pano, envolto no seu capuz, está curvado, remexendo a fogueira. Canta com música própria, acompanhado pela guitarra e o alaúde dos marinheiros que estão sentados junto da fogueira)

Um dia uma caravela
Fez-se ao largo a navegar
E foi-se ao Mar Tenebroso,
Onde tudo é de pasmar.

FREI GASPAR

(saindo da casa do Infante, vestindo o hábito negro e branco de dominico)

Bôas noites, com Deus

JOÃO FERNANDES

Bons dias, frei Gaspar,
Reparai que a manhã já vem a despontar.

(Canta de novo, emquanto fr. Gaspar vai ao fundo e olha o Mar)

Passaram anos e anos
E o navio sem voltar...

FREI GASPAR

Então, já viste a vela?...

JOÃO FERNANDES

(cantando)

Sabe-se apenas que ainda
Continúa a caminhar;

(interrompendo-se)

Inda não, mas descance

(continuando)

Que o Mundo se fez maior
E tem muito a desvendar;
O que ninguem diz ao certo
É se pode regressar.

(endireitando o busto, em voz mais alta, erguendo o braço num ímpeto heroico)

Portugal é um navio
Que anda na rota do Mar...
Vamos às Ilhas ocultas:
Eh! gente! Toca a embarcar!

FREI GASPAR

Zarco não volta mais: é certo o teu romance...

JOÃO FERNANDES

(com intenção)

Ao surgir da manhã cerra-se mais a treva...
Ora olhai, frei Gaspar, *(apontando no céu o clarão matinal)*
o explendôr que se eleva
Das bandas do Oriente: ergue-se a madrugada,
Já perde a viva luz toda a esféra estrelada...
Canta, murmura o Mar...

FREI GASPAR

(enlevado)

Dizes bem; é um cântico!

JOÃO FERNANDES

O Mar fez-se cristão, tambem reza o Atlântico!

(continuando)

E lá ao largo, alêm, cava-se o Céu profundo,
E erguendo o facho ao alto, a alumiar o Mundo,
Sente-se vir o Sol sôbre o abismo das águas.

(com ironia)

Que importa, pois, que a noite, em torno destas fráguas,
Cega da luz, adense a funda cerração?...

FREI GASPAR

(com dignidade)

João Fernandes, verás se te iludes ou não...

JOÃO FERNANDES

Pode ser, mas olhai, quási que ia jurar:
Ontem, quando de novo interrogava o Mar
E o meu olhar ansioso errava na distância,
De súbito, — meu Deus! que sobresalto! que ánsia! —
Julguei vêr, vi ao certo alvejar uma vela...
Seria Zarco emfim? Voltava a caravela?...
Corri, num alvoroço, a meu amo: «Senhôr,
Vinde! vinde depressa, acorrei por favôr!
Vem na volta do Mar uma vela!» Mas quando
Voltei de novo e olhei, fiquei-me duvidando
De mim, do meu olhar... pois apenas alêm
Vi névoa, Céu e Mar.

FREI GASPAR

Podes crêr: já não vem...

JOÃO FERNANDES

Tenho fé que há de vir!

FREI GASPAR

Já lá vai mais dum ano
Que êle se foi ao Mar... Tu verás se me engano!

(em tom de censura)

Homem de sangue nobre e tanta fidalguia!
Pois não tinha mistér de mais alta valia
Em que empenhasse o ardôr?!
(*com lástima e agoiro*) Fez mal: foi castigado.
O Mar tragou-lhe o barco ou foi-lhe arremessado
Aos rochedos da costa em horriveis destroços!...
Talvez que o Mar raivoso inda lhe açoite os ossos!...

JOÃO FERNANDES

(horrorizado)

Calai-vos! Que agoirento!

FREI GASPAR

(explodindo)

Oh! gente insatisfeita!
É para servir Deus?! Pois é a Terra estreita
Que a virtude não caiba onde ha séculos mora?!
Nossos leais Avós foram ímpios?! Outrora
Todos serviam Deus na terra de seus pais!

(pausa, abanando a cabeça)

Não posso agoirar bem das empresas navais
De vosso amo, o Infante...

JOÃO FERNANDES

(fazendo-lhe sinal para abrandar a voz e apontando a janela iluminada)

Olhai! que pode ouvir!
Todo o arco da noite o levou sem dormir...

(com admiração)

Passa a noite a estudar!

FREI GASPAR

(*diminuindo a voz*)

E não o satisfez
Tanto sangue cristão que já mais duma vez
Tem entregado ao Mar! Ei-lo a pensar de novo,
Sacrificando sempre o sangue dêste povo,

(*apontando o Mar*)

Ir a Tanger, alêm, a conquistá-la aos moiros!
Pois bem eu lhe direi todos os meus agoiros...
Vim a Sagres, da côrte; e espero demovê-lo,

(*com firmeza*)

Hei de lhe aqui dizer que é pecado êste zelo,
Crime tanta ambição!

JOÃO FERNANDES

(*com admiração e entusiasmo*)

É que êle é doutra raça:
Já não acha sabôr ao triunfo que passa,
Quer sempre ir mais alêm... desvendar o mistério
A todo o imenso Mar e dilatar o império
Do nome português ao país africano!

FREI GASPAR

(*com ironia e acento cómico*)

Quer conquistar o Mundo e desvendar o Oceano...

JOÃO FERNANDES

E olhai: tem a seu lado o Infante D. Fernando,
Que arde por ir tambêm a Tanger.

FREI GASPAR

Mas lutando
Contra essa tenção quási toda a nobreza
E os outros três irmãos. É quási de certeza
El-Rei não consentir.

João Fernandes

(com ar misterioso)

Mas, senhôr, há quem pense
Que El-Rei vem a ceder...

Frei Gaspar

(com ameaça e convicção)

Pois veremos quem vence!

(olhando para dentro da casa do Infante, onde se sentem passos)

Aí vem mestre Guedelha, o astrólogo de El-Rei.

SCENA II

OS MESMOS E MESTRE GUEDELHA

Frei Gaspar

(a mestre Guedelha, com ironia)

Vós que lêdes no Céu, senhor mestre, dizei
Se nos astros se lê que haja navio perto.

Mestre Guedelha

(que traz no peito, sobre o capuz escuro, a estrela vermelha de seis pontas)

A quem vê com o olhar tudo está encoberto;
Mas o meu coração vê a face do Mar
E uma gaivota branca, entre a espuma, a voar.
Vem quási rente d'água e grita de alegria!...

João Fernandes

(com arrebatamento)

Ia jurar que acerta... É bôa a profecia!

SCENA III

OS MESMOS E D. MÉCIA

FREI GARPAR

(*com espanto para D. Mécia, que entra apressadamente pela E.*)
Senhôra D. Mécia!... Aqui!... De madrugada!...

D. MÉCIA

(*com ansiado alvoroço, olhando o Mar*)
Já se vê?! E será a que foi avistada
A vela de meu Pai?!...

FREI GASPAR

Aguardai pelo dia.
(*com mágua*)
Mas é deserto o Mar...

D. MÉCIA

(*com espanto e dôr*)
Mas ontem — quem seria? —
Daqui foram dizer à Tercena Naval
Que alguêm, moço do Infante, avistára afinal
Uma vela a distância. E olhai que se não fôra
Bem tarde eu vinha aqui.

JOÃO FERNANDES

Fui eu que a vi, senhôra.

D. MÉCIA

(*receiosa*)
Vêde se me enganais...

JOÃO FERNANDES

Ia jurar que é certo!

MESTRE GUEDELHA

Senhora, afirmo eu: o navio vem perto...

D. MÉCIA

(*erguendo as mãos, d'olhos no céu*)

Ah! que vos ouça Deus! Nem eu nem minha irmã
Dormimos toda a noite; e, ao luzir da manhã,
Ergui-me sem poder contar esta ansiedade
E vim para saber... Se agora fôr verdade,
Que ventura, senhôr! Nem quero pensar nela,
Que receio enganar-me...

(*Durante o diálogo a manhã tem clareado pouco a pouco. Espalhou-se uma claridade lívida que desenha confusamente o corpo das fráguas e a linha do horizonte na distância líquida. E eis que na bruma do Mar distante, batida duma luz súbita, se avista, numa aparição, uma caravela com a cruz de Cristo a sangue na alvura das velas altas, singrando direita ao Cabo*).

JOÃO FERNANDES

(*que há momentos olha fixamente o Mar corre para a frente e grita numa alegria doida, erguendo os braços*)

Uma vela! Uma vela!

(*correm todos num alvoroço*)

É alêm: ora olhai!

D. MÉCIA E MESTRE GUEDELHA

É certo!

FREI GASPAR

Inda é distante.

D. MÉCIA

Vem nesta direcção!

JOÃO FERNANDES

(*que sai a correr*)

Vou avisar o Infante.

(*entra em casa numa corrida. Ouvem-se gritos e tropel de passos. Entra o Infante. Veste à moda de Borgonha: longa opa arroxeada sobre gibão preto e largo sombreiro de* garde-col *pendente. Caminha rápidamente para o fundo. Logo a seguir entra tambem Jaime de Maiorca*).

SCENA IV

OS MESMOS, O INFANTE E JAIME DE MAIORCA

O INFANTE

(*procurando com o olhar*)

Onde vem?!

JOÃO FERNANDES

(*apontando*)

É alêm! alêm!

MESTRE GUEDELHA E JAIME DE MAIORCA

Alêm! Alêm!

O INFANTE

(*serenamente*)

Já vejo.

Deve ser Zarco emfim.

FREI GASPAR

(*teimando e sem olhar*)

Olhai que êsse desejo
Não vos vá enganar. Podem ser genoveses...
Homens doutro país que aqui vêm tantas vezes.

INFANTE

Nunca trouxeram naus de Génova ou Veneza
A minha cruz de Cristo.

JOÃO FERNANDES

É Zarco com certeza!

D. MÉCIA

(com profunda emoção)

Diz-me o meu coração que volta emfim meu Pai!

INFANTE

Apaguem a almenara.

(voltando-se para João Fernandes, Frei Gaspar e Mestre Guedelha)

E vós, senhôres, olhai:
Ide saber se é Zarco e que novas me traz,
E acompanhai-o aqui, que isso muito me praz.

(a Jaime de Maiorca)

Ide vós, mestre Jaime: ao certo nos convêm
Nova carta traçar.

(Mestre Guedelha e Frei Gaspar saem pela E. João Fernandes, acompanhado pelos dois marinheiros, segue-os, depois de apagar a fogueira; Jaime de Maiorca entra em casa)

D. MÉCIA

(prestes a retirar-se)

Senhôr, eu vou tambêm.

SCENA V

INFANTE E D. MÉCIA

INFANTE

(olhando-a fixamente)

Tende... Por Cristo, já?! Demorai-vos, senhôra...

D. MÉCIA

Se é de vossa vontade...

INFANTE

Um instante que fôra.

(*lastimando-se*)

Aqui é desabrida e escassa a Natureza,
Tão solitária, núa e de tanta aspereza
Que amoldou a minh'alma às duras penedias
E aos ímpetos do Mar. Tal como as ventanias
Meus pensamentos vão pela livre planura...

(*pausa. Suplicante*)

Sêde um cântico d'ave, a divina frescura
Que a minha áspera vida e estas rochas comova!

D. MÉCIA

Sois tão alto, senhôr! Todo o Mundo vos louva!
E se por terra e mar tendes tanta vitória,
Se todo o Portugal celebra a vossa glória,
Porque não heis de emfim procurar o descanço?!

INFANTE

(*meditativo*)

Senhôra, só no ócio ou no prazer me canço.
Folgo melhor assim... Vivo de me abrazar...

D. MÉCIA

(*carinhosa e persuasiva*)

Pois um filho de Rei há de sempre habitar
Nêste inhóspito Cabo e em vida tão cruel?!
Vinde, senhôr, daqui. Não que eu, serva fiel,
Vos não queira seguir no trabalho e no perigo;
Mas aqui definhais. Vinde, vinde comigo,
Onde o tempo feliz vos côrra em dôce calma
E onde se apague mais esse delírio d'alma,
Longe daqui vereis que êsse tôrvo cuidado,
Junto ao meu coração, há de ter abrandado,
E que onde quer, — num ermo ou no fundo dos montes,
Mais do que o Mar, o Amor tem largos horizontes.

INFANTE

(*numa voz doce e tomando-lhe a mão*)

Vinde vós, vinde vós, corpo de primavera!
Há quanto tempo o Cabo está à vossa espera:

P'ra dormirdes, o Mar há de falar baixinho,
P'ra poisardes os pés, pelo agro caminho,
Entre os lisins da rocha hão de brotar as flôres.
E o vento, que aqui dobra os inquietos clamores,
Há de vir e dizer cantigas d'embalar;
E quando acaso vós olhardes para o Mar
Haveis de alumiar as paragens distantes,
Sereis Nossa Senhora, a Mãe dos Navegantes!
Vinde vós, vinde vós!

(*ouve-se, de súbito, trazido pelo vento e vindo da baía, à D. do Cabo, um confuso clamor de vozes distantes. Ficam, os dois, num silêncio, à escuta*)

D. MÉCIA

(*num sobresalto*)
Meu senhor, escutai!...

INFANTE

(*com alegria*)
Zarco, ouvi eu gritar!

D. MÉCIA

(*dirigindo-se, apressadamente, para a D.*)
Vou abraçar meu Pai. (*sai*)

SCENA VI

INFANTE, só

INFANTE

(*fica-se a olhar na direcção em que D. Mécia saiu, abismado a meditar. Num movimento de quem desperta*)

Como esta voz é doce e me perturba e enleia!
Não adormeça eu! Cala-te lá, sereia;
Eva, retira a mão que o doce pômo oferece.

(*cai de novo a meditar; exaltando-se pouco a pouco*)

Folgar, ir-me d'aqui! Ah! ninguêm me conhece!
Sou decerto um fantasma, uma fúria sedenta,

Uma raiva, um furor, um esto da tormenta
Passando sobre o Mar. E até, se me concentro,
Como um búzio da areia, escuto o Mar cá dentro...
Sou a água do Mar misteriosa e profunda;
Sou um abismo, e assim meu pensamento inunda
Tanta costa sem fim que nem eu as conheço;
Sou a água a crescer num contínuo arremeço,
Que se levanta em espuma e que o vento desata,
Faz bailar em delírio e que logo arrebata!

(*pausa*)

Eis o Mar Tenebroso! Eis o Oceano-Fantasma,
Perante o qual o Mundo há séculos que pasma...

(*com arrebatamento*)

Hei de te eu desvendar, hei de entregar-te ao Mundo,
E dêste Cabo extremo, último braço fundo,
Que se entranha por ti, num desvairado anseio,
Levarei Portugal a desnudar-te o seio,
Aos extremos confins, ao largo, a toda a parte...
Agua, virgem cruel, hei de à força violar-te!
Por que não hei de, ó Céu, ser a nuvem do sul?!

(*uma rajada de vento passa, de súbito, pelo Cabo*)

Vento, leva-me tu, quero galgar o Azul,
Sou, por graça de Deus, Príncipe do Mistério;
Leva-me alêm do Céu, mostra-me o meu Império!

SCENA VII

INFANTE e UM PAGEM

UM PAGEM

(*que entra açodado*)

Acabam de chegar à Tercena Naval
Estrangeiros, que vêm de longe a Portugal
E vos querem falar: trazem-vos embaixada.

INFANTE

Eu logo os ouvirei. Que lhes dêem pousada.

(*O pagem sai*)

SCENA VIII

O INFANTE, ZARCO E D. BEATRIZ,
JOÃO FERNANDES, FREI GASPAR, MESTRE GUEDELHA,
JAIME DE MAIORCA, MARINHEIROS, CARPINTEIROS
DE NAU, FRAGUEIROS, CALAFATES, MOÇOS
E MULHERES DO POVO

(*Invadem a scena numa onda jubilosa. Os mesteirais das naus trazem nas mãos os instrumentos dos seus mesteres. Os marujos, descalços e esfarrapados, vestem calças bragas e cotões; outros, amplos gabinardos e na cabeça a gorra ou a carapuça maritima. Ainda fóra ouvem-se vozes alegres em côro*)

VOZES

Viva o Infante e Zarco, o seu descobridor!
Viva Gonçalves Zarco! e nosso amo e Senhor!

(*em scena*)

Eh! Eh! Venham! Eh! Viva!

(*À frente de todos, forte, barbudo e tisnado do sol, Zarco abraça as duas filhas pela cintura. Traz um rude cotão, bragas e borzeguins altos de coiro até ao joelho. Capa aos ombros, e na cabeça a gorra maruja. Rodeiam-no os marujos, trigueiros e soberbos. Atrás irrompe a multidão num borborinho.*)

D. BEATRIZ

(*comovida*)

Oh! que doce alegria!

INFANTE

(*com um assomo de júbilo no rosto sombrio*)

Sejas bem vindo, Zarco, e toda a companhia!

ZARCO

(*erguendo o braço e abrindo a palma da mão, como a deter-lhe um pensamento contrário*)

Senhor: eu te saúdo! Alegra o coração!
Exulta de prazer! Seja na tua mão
Da gostosa vitória a sempre verde palma!
Cáia o frescor de Deus no fogo da tua alma!

Alvíçaras te peço: Eu alarguei o Oceano,
Novas terras olhei; e ao largo, a todo o pano,
Meti a prôa, a rir, no Tenebroso Mar;
Vi os monstros fugir p'ra nunca mais voltar
E vi em pleno Mar, quais sereias a rir,
As ilhas d'entre a névoa e das ondas surgir!
Mas há uma, ó Infante! uma tão bela ilha
Que o Oceano não tem mais rara maravilha!

INFANTE

(*com vivo interesse*)

Muito folgo em te ouvir. Mas dize-me onde existe;
Por que alturas está e como a descobriste.

ZARCO

(*que se anima, pouco a pouco, até à exaltação vidente*)

Estando em Porto Santo, há muito ao largo via
Um negrume que o Céu e as aguas encobria.
E na gente do Mar corria entre clamores
Que era a boca do inferno exalando vapores!
Uma bela manhã resolvi-me e lancei
Um varinel ao Mar, e lá dentro exclamei:
«Quem fôr bom português e servidor fiel
Do Infante que me siga e entre no varinel.
Sabei que imos alêm; e, ou não me chamo Zarco,
Ou lá iremos hoje!» Encheu-se logo o barco...
Corria o vento n'água, e o Mar, sob êsse beijo,
Era um corpo de dona a crispar-se em desejo...
Riso do Mar, a espuma orvalhava-me o rosto...
E uma funda ansiedade, um divino antegosto
Se apossava de nós... Num voluptuoso anseio
Dizia-nos o Mar: «Nautas, violae-me o seio...»
E o mistério da Vida, o segredo do Mundo
Poisava-nos na alma, ia-lhe até ao fundo.
Alguns, co'a emoção, pálidos nos fizemos...
Havia uma oração no mergulhar dos remos,
No varinel a andar... Mas já, sonóra e cava,
Pelo golfo do Mar uma grita ecoava.
Vinham da cerração baques de catapultas,
O ruir da catarata às voragens ocultas,

O estrépito de herois acorrendo ao assalto!
Persignavam-se alguns; outros diziam: «Alto!
Perdemo-nos, senhor!» Outros viam semblantes,
Vultos de arripiar, fantásticos gigantes
Vociferando ameaça! Eu gritei-lhes: «Rapazes
Não sois de Portugal?! Não vos sentis capazes
De ir a rir para a Morte?! Eh! lá! Vá de vogada!
Aos remos! É largar!» E eis-nos, numa arrancada,
Já para além da névoa... Oh! delírio no olhar!
Exaltação do espanto, aos gritos e a chorar!
«Terra!» gemiam uns, a caír de joelhos,
E até lobos do Mar, marujos dos mais velhos
Na Descoberta, eu vi com olhos razos d'água!
Oh! Infante! eu senti uma única mágua:
É que não fôsses lá p'ra emudecer de espanto.
A ilha é toda ela um religioso encanto:
Oh! fráguas imortais! Oh! florestas imensas
Ao vento a baloiçar! Oh! espessuras densas,
Vales, ermos sem fim! Jardins de Babilónia
Suspensos sôbre o Mar! Venus Anadiómnia
Nascendo d'entre a espuma, a gotejar, tão bela,
Que o Céu, para a beijar, desce a poisar sôbre ela!
Parece a Ilha até, na frescura pujante,
Que acabou de nascer. Se os teus olhos, Infante,
A podessem olhar, choravam como os meus:
Tem, ainda, os sinais de vir das mãos de Deus!

(*na assistência há um vasto fluxo de espanto e comoção*)

MESTRE GUEDELHA

(*extático*)

Formosura do Mundo, escondida e sagrada!

JOÃO FERNANDES

(*que sai do grupo num impulso, suplicando ao Infante*)

Deixai-me ir, deixai-me ir na primeira largada!

INFANTE

Irás.

VOZES

(*em côro*)

Que grande é Zarco! Olhem como êle vem.
Tão queimado do Sol!

UM MOÇO

Quem me dera ir também!
Já me sinto oh! meu Deus! mais forte só de vê-los!

UMA MULHER

Trazem mais fundo o olhar!

OUTRA MULHER

Têm ondas nos cabelos!

INFANTE

Deste-me um grande dia! E olha lá, Zarco amigo:
A ilha é grande? Tem algum seguro abrigo?

ZARCO

Mais de um mês nos levou, ao certo, a rodear;
E é, segundo entendi, muito de povoar.
As aves, meu senhôr, que há em grande avondança,
Deixam colher-se à mão. E quanto o olhar alcança
É floresta cerrada e água jorrando à farta.

INFANTE

Pois tudo notarás, p'ra se fazer a carta,
A Jaime de Maiorca.

(*dirigindo-se a mestre Jaime e depois a Zarco*)

Ide com Zarco, entrai.

(*dirigindo-sa a D. Mécia e D. Beatriz*)

Senhoras, se vos praz, entrem com vosso pai.

(*Saem. A scena mudou de aspecto. Teem-se formado alguns pequenos grupos de marítimos e gente do povo, conversando separadamente. Outros vão saindo*)

JOÃO FERNANDES

(que há pouco tem saido, canta dentro)

Andou no Mar Tenebroso
Mais d'um ano a navegar;
Calai-vos, bôcas do Mundo,
Quem lá vai pode voltar!

INFANTE

(voltando-se para os marinheiros)

E a cada um de vós, como a bom servidor,
Hei de fazer mercê.

MARINHEIROS

(em côro)

Seja em vosso louvor!

(saem)

JOÃO

(entrando açodado)

Aí vem o vosso irmão, o Infante D. Fernando!

FREI GASPAR

Que Deus venha com êle!...

(adeantam-se todos)

MESTRE GUEDELHA

Ei-lo que vem chegando.

SCENA IX

INFANTE, D. FERNANDO, MESTRE GUEDELHA, FREI GASPAR
JOÃO FERNANDES

INFANTE

(com alegre rosto)

Que Deus te salve, Irmão! Trazes mais luz ao dia!

D. FERNANDO

(que veste pelote de veludo verde sôbre gibão roxo)

E a vós, lume de heróis, frol da cavalaria.

(abraçam-se)

Meu irmão e senhôr, acabo de saber
Da chegada de Zarco. Houve grande prazer.
Pois nova mui feliz trago à vossa presença:
O Legado do Papa, o abade de Florença,
D. Gomes, Português, já de longa jornada
Chegou e trouxe a El-Rei a bula da Cruzada.

INFANTE

(*com alvoroço*)

E nosso irmão, o Rei, o Snr. D. Duarte,
Que diz, consente, emfim?!

D. FERNANDO

Venho da sua parte:
Podemos ir, emfim, a Tanger, meu irmão!
Consente-nos El-Rei tratar da expedição!

INFANTE

(*d'olhos no céu, cheio de júbilo*)

Graças vos dou, meu Deus, por mim e pela grei!
E, já que ordena o céu, senhôr, eu cumprirei,
Pois Tanger há de ser terra de Portugal!

FREI GASPAR

(*com sufocada indignação para o Infante*)

Ah! senhôr, que ambição! Que loucura fatal!
Crêde: se El-Rei consente em tão errado feito,
Á fé de Cristo, que é de ânimo contrafeito.
Está o reino pobre e minguado de gente;
Ceuta, um deserto imenso, arde em sêde inclemente
Por sangue português; Castela quer a guerra;
E quereis vós, senhor, levar da nossa terra
O sangue, a vida, a flôr da gente portuguesa,
Por um capricho vosso a tão incerta empresa?!
Ceuta já nos bastou...

INFANTE

(*com firmeza*)

Frei Gaspar: reparai
Que Ceuta é a vontade e a honra de meu Pai;

É a nossa divisa, é a voz de abalada
Que começa a batalha; a primeira lançada
Direita ao coração dum cruel inimigo.

FREI GASPAR

Será; mas é tambem um temeroso perigo.
E lembrai-vos, senhor, do que vos digo aqui:
É que não haverá de Grada a Tripoli
E da Berbéria a Meca um moiro de peleja,
Que a Tanger não acorra e depois lá não seja
Mais disposto a morrer que a deixar-vos entrar.
Mas, Tanger conquistada,—e eu quero acrescentar
Alcacer e Arzila,—em quem é que fiais,
Que deixe tão de leve a terra de seus pais,
Que troque Portugal pela África ardente?!
Quem irá habitar essa terra inclemente?!
Diz vosso irmão D. Pedro, ouvi-o eu dizê-lo:
«É dar a bôa capa e ir pelo mau capêlo...»

INFANTE

Padre, não vou trocar—e a quem o faz mal vai—
O que diz o irmão, pelo que fez o pai!
E eu vos digo: guardar a esforçada grandeza
Desta soberba grei na terra portuguesa,
Encarcerá-la aqui o mesmo é que regar
Co'as águas do Dilúvio um pequeno pomar.

FREI GASPAR

Pois bem, então, senhor, levai-lhe toda a gente,
E, se vier o estio e o sol fôr mais ardente,
Vereis como o pomar morre em sêdes mortais!...

(*Voltando-se para D. Fernando*)

Vós, tão temente a Deus, tambem assim pensais?!

D. FERNANDO

(*numa voz doce*)

Sou esfaimado d'honra, ardo em sêde de glória...
Sofrer por Portugal e Deus—eis a vitória.

Fomes, sêdes crueis, trabalhos, ora vêde:
O que a vós vos abraza a mim mata-me a sêde.
«Quem me quizer seguir — disse um dia Jesus —
Que se negue a si mesmo e tome a minha Cruz!»

FREI GASPAR

A bula da Cruzada é de guerra aos infieis,
Mas não para extinguir em tormentos crueis
A nossa própria grei; e êsse é o grande mal!

INFANTE

Por mil dobras, senhor, dadas a um Cardeal,
Tinha eu outra bula e indulgências sem fim.
Mas, quem ordena é Deus; sinto-o dentro de mim!

MESTRE GUEDELHA

(*com gesto e som de mistério*)

Bom snr. Frei Gaspar, há homens, como o Infante,
Que obedecem ao alto: o influxo constante
Dos planetas do Céu traça-lhes o destino:
Formam constelação com o Orbe divino.

(*apontando D. Henrique*)

E o Infante nasceu no mais estranho mês,
No mês d'Aries, que é Marte, e êste, por sua vez,
Gravitava em Aquário, a casa de Saturno,
Planeta que preside ao mistério nocturno
E a tudo o que é oculto. E é dos dois que lhe vem
O gosto do saber, o desejo do Além
E a ânsia de rasgar o mistério do Oceano.
Contra os astros, senhor, não há poder humano...

FREI GASPAR

(*com despeito e rancor, ao Infante*)

Se punir infieis é a vossa vontade,
Tendes aqui, bem perto, a própria infieldade,
A contumácia vil. Castigai os judeus
Que talvez seja mais do agrado de Deus!

(*sai arrebatadamente*)

INFANTE

(a Frei Gaspar)

Respeitai o valor, Frei Gaspar, e sabei
Que tenho em muito amor o astrólogo d'El-Rei.

(pausa)

MESTRE GUEDELHA

(irónico)

Sacerdote de Deus...

INFANTE

Se quereis, ficai, senhores.
Eu vou dar audiência aos dois embaixadores.

(entra em casa, seguido de João Fernandes. Mestre Guedelha encaminha-se vagarosamente, e desaparece pela D. A. Pausa)

SCENA X

D. FERNANDO E D. BEATRIZ

D. FERNANDO

(como quem exita)

Onde irei encontrá-la? Onde estarás, meu bem?

D. BEATRIZ

(surge à porta da casa do Infante; espreita receiosamente para os lados; depois corre para D. Fernando e deita-lhe os braços ao pescoço)

Eis-me, junto de ti! Ouvi tudo d'além.
Eu bem adivinhava; um secreto receio,
sem eu saber porquê, alanceava-me o seio.
Vejo-te e vais partir. Oh! que horrivel sofrer!
Mas, ó meu alto amor, se ides a combater,

Para cobrardes honra, ou se vais a lutar
Em serviço de Deus, ficarei a chorar,
Mas vai!... Pois seja assim. Pobre de mim! Mesquinha!
E a vontade de Deus ficará sendo a minha!

D. Fernando

(*olhando-a, num extasi*)

És um lírio do Céu que andas na minha mão.
Vives comigo em Deus. Se estou em oração,
Rezo aos dois juntamente. E que importa que o Mar
Se alargue entre nós dois... Tu povôas o ar
E vives dentro em mim; se extasiado sigo
Pelo caminho a andar, paro e falo comigo:
«Que harmonia a que eu oiço! Anjos donde cantais?!»
E sois vós, afinal, que dentro em mim falais!
Basta beijar o vento e eis que beijo o teu rosto,
Pois a aragem do Céu, o luar e o Sol posto
Fluem do teu olhar, rezam-me a tua voz.
Que importa, ó meu amor! que haja o Mar entre nós?!

D. Beatriz

(*pesarosa*)

Antes o meu olhar fôsse sempre no teu;
Fôra eu tão perto, amor, de ti, que em vez do meu,
Sentisse dentro em mim teu coração pulsar!

(*pausa*)

Depois, quem sabe lá o que te guarda o Mar
E a guerra, o que será? Qual a sorte e o final?!
Voltarás, — quem o sabe? — ainda a Portugal?!

(*com desespero*)

Oh! que inferno de dôr só neste pensamento!
Pois não sofres tambêm dêste horrivel tormento?!

D. Fernando

Sofro... por não sofrer! Tua aérea figura
De longe inda é maior, toda se transfigura,
Pois só o apartamento, a infinita distância
Tornam divino o Amor. Uma indizivel ânsia
Para melhor te amar quer-me de ti ausente...

SCENA XI

OS MESMOS E MESTRE GUEDELHA

MESTRE GUEDELHA

(*aparece ao F., sem que os dois dêem por êle. Pára a olhá-los. Quando emfim, é visto, encaminha-se para junto dêles.*)

Que a alegria do Amor ilumine o presente!

(*Pausa. Depois de olhar o Céu*)

Pelos astros do Céu passa um gélido vento...

D. BEATRIZ

(*receiosa*)

E isso que quer dizer?!...

MESTRE GUEDELHA

Desgraça, apartamento,
Negro luto de Dôr!... Digo, á fé de quem sou:
Pelo que o meu olhar dos astros indagou,
Triste constelação preside a esta empresa...
Por agora, direi: fôra de mais certeza
Desistir da tenção.

D. BEATRIZ

Dizei-o a D. Henrique,
Que é o vosso dever! E, talvez, êle fique,
Ouvindo-vos, senhor...

MESTRE GUEDELHA

Como estais enganada!
Se traz, contínuamente, a vontade abrazada
Quem lha há de apagar, quem lha pode vencer?!
Senhora, diz o Povo, — e êle o pode dizer,
Porque se inspira em Deus, a mais pura das fontes, —
Que o seu valor quebranta as altezas dos montes!

D. Beatriz

Oh! meu amôr, não vás! Eu bem sei que se vais
Já te não torno a vêr...

(*rompe em soluços*)

Nunca mais! nunca mais!

D. Fernando

(*emquanto dizem estas palavras vão saíndo*)

Voltarei, tu verás; rápido o tempo passa,
E eu já vejo a vitória...

D. Beatriz

(*chorando*)

E eu já sinto a desgraça!...

SCENA XII

MESTRE GUEDELHA, só

Mestre Guedelha

(*considera o vulto de D. Fernando, que se afasta ao F. e depois, numa dolorosa agitação, exclama*)

Sangue escrito nos astros!
Vejam: ao caminhar, pobre dêle, os seus rastros
Ensanguentam o chão! Passa por mim um vento,
Que gela o coração, corta o ar num lamento...
Raiva, uiva com fome o Tenebroso Oceano!

(*voltando-se para a casa do Infante*)

Oh! Infante sublime! esforço mais que humano
Domando a fúria ao Mar, hás de fazer milagres;
Mas dominando já toda a rocha de Sagres,
Poderoso e fatal, sangrento, mas divino,
Passa por sôbre o Cabo o terrivel Destino.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Sala de estudo na casa do Infante em Sagres. Ao fundo, galeria em arcos ogivais com vidros corados-historiados, deitando para o Mar. Á direita, uma grande chaminé armoriada, para fogo de lenha. Ao meio, mesa grande oblonga de castanho: ao centro dela, cadeira gótica de espaldar e em volta escabelos. Do tecto de madeira com armação gótica á vista e pintura policrómica pende uma aranha de terro dourado de seis lumes, com grossas velas de cêra; nas paredes, a espaços, brandões de cêra, presos com garras ou aneis de ferro forjado. Sôbre a mesa livros, portulanos, a esfera armilar, poisando únicamente sôbre um alto pé, duas pômas, a balestilha e o quadrante. Duma das paredes pende o astrolábio plano. Á esquerda, um cadeiral de espaldar e docel, gótico, com tres lugares; por cima, almofadas bordadas com a divisa e o emblema do Infante, a verde e preto, e em frente um leitoril em ferro e cedro, com um livro aberto numa das prateleiras, e, uma caixa de escrever, ao lado, em cedro. Nas paredes tapeçarias flamengas; no terço inferior um alizar de azulejos em estilo *mudejar*. Duas arcas entalhadas, com ferragens góti cas A um canto uma vela de treu com a cruz de Cristo. No chão, sobre mosaico de mármore, grande alcatifa oriental de lã, com desenho persa. Duas portas laterais.

SCENA I

MESTRES JAIME E RODRIGO

(*sentados junto da mesa, debruçados e atentos, lêem passagens de livros e vão confrontando num mapa*)

M. JAIME

Rodrigo, escuta lá: *(lê)* «E no extremo levante,
Para alêm do Çathay... (*apontando*) Aí.

M. RODRIGO

Aqui?

M. JAIME

Adeante.

«A ilha do Chipango...»

M. RODRIGO

Ei-la aqui, logo a par.

M. JAIME

(*continuando*)

«É a última terra e depois só há mar.»

(*poisa o livro*)

Isto diz Marco Polo. Mas vejamos, espera:
Aristóteles diz que a terra é uma esfera.

M. RODRIGO

E Hiparco acrescentou que é a forma ideal.

M. JAIME

Hiparco, o «Almagesto», os grandes, afinal...
(*toma outro manuscrito e diz, folheando-o*)
Mas aqui, no «De Cœlo», Aristóteles vai
Muito mais longe. (*Encontrando a passagem*)
Diz êle, ora bem; escutai:
«Das Colunas, onde abre o grande Mar Oceano
Ás Índias Orientais, julgo não ser engano
Que a distância é pequena...» *Ergo*, as mesmas águas
Que ouves aqui bater d'encontro a estas fráguas,
Vão banhar o Chipango e as Índias Orientais.

M. RODRIGO

(*abanando a cabeça, como quem reprova*)
Mas, Mestre, a Terra, então, mui pequena a julgais...

M. JAIME

(*frizando as palavras*)
E digo, até: quem fôr, sempre, nesse deserto
E nesta direcção (*aponta o Mar*) há de encontrar, por certo,
As Índias e o Chipango.

M. RODRIGO

(*abanando a cabeça*)
Eu vou mais por Platão:
A Atlântida é no Oceano; e lá diz Strabão
Que a África tambêm se pode rodear.
Julgo que é por aí que tem de se alcançar
As Índias; e, se não...

SCENA II

OS MESMOS E LUÍS CARNEIRO

LUÍS CARNEIRO

(*que entrou no meio da conversa e esteve ouvindo*)

Já sabereis aonde,
Em que parte da Terra, é que há tanto se esconde
O Rei Preste João?

M. JAIME

(*convicto*)

Não duvideis, senhor;
Numa das Índias é.

M. RODRIGO

(*como quem duvida*)

Se mais perto não fôr...

LUÍS CARNEIRO

Pois, nosso amo e senhor, o Infante D. Henrique,
Muito pensa em chegar lá onde quer que fique,
A esse reino oculto... e mais sendo cristão.

(*Pausa. Em tom pesaroso*)

Ah! senhores, e era bem! Não o deixa a paixão
Por não poder tirar o irmão do cativeiro.

(*Passeia e vai dizendo lastimosamente*)

Que desgraça, meu Deus! O infante prisioneiro!

(*ergue os braços ao Céu*)

A mais virtuosa flôr de toda a cristandade!
Dos cinco o mais gentil! e inda em tão pouca idade!
Quando êle veio aqui, cheio de confiança,
Dar a nova ao irmão... Lembram-se?! Que esperança!
Quem iria dizer que, volvidos dois anos,
Os esperava, aos dois, tão crueis desenganos!...

(*Pausa*)

Dizem que vêr El-Rei é um perfeito dó:
Doente, acabrunhado, e às vezes fala só...

(*baixando a voz, em confidencia*)

Mestre Guedelha diz que El-Rei há de morrer
Desta melancolia... E eu iria dizer
Que D. Henrique, assim, vai no mesmo caminho...
Quantas vezes, de noite, o oiço falar sósinho:
«Meu irmão D. Fernando! Antes eu lá ficára!»

M. Rodrigo

Pois há gente que diz que êle que o desampara
E ao desgraçado irmão só o resgata a morte!...

M. Jaime

Mas dizei-me, senhor: por que maldita sorte
É que o snr. Infante, homem de tanto engenho,
Não poude prevenir um desastre tamanho?!

Luís Carneiro

Senhores: se algum de vós, por acaso, tem ido
A Tanger, como eu, bem tinha compreendido.
Nunca ninguem previu ou mesmo acreditou
Que houvesse tanto moiro... O que ali se juntou!
Fóra os que havia lá, chegaram duma vez
Os emires do Almagreb, e mais os reis de Fez,
Marrocos, Tafilete e outros mais, não sei quantos,
Com toda a sua gente. Emfim eram já tantos,
Que um só dos nossos tinha a defrontá-lo cem!
Quem resistia a tanto, ou inda a menos?! Quem?!
Era longe da praia; estávamos cercados
Como lôbos em fôjo, e fômos obrigados
Dia e noite a lutar, sempre, sem intervalos!
Pra podermos comer matavam-se os cavalos.
E—suplício cruel!—naquela ardente frágua
Morríamos à sêde... acabára-se a água,
E até cavando a terra, a fundo, era tão pouca,
Que a muitos vi morrer pondo lôdo na bôca!
Eram de vêr! Em febre, o olhar a arder em chama,
A cara, o peito, as mãos, tudo negro de lama,

Arfavam no estertôr em horríveis esgares;
E em pregões de terror, que cortavam os ares,
Em gritos de loucura, uivavam no arraial!
Amigos, só contá-lo inda me causa mal;
Imaginai agora o senti-lo, em verdade!

(*pausa*)

Foi só nesta mortal e crua extremidade
Que o Infante cedeu. Era dar Ceuta, e antes
Entregar, em refens, a qualquer dos infantes,
Pra nos deixarem ir em paz para os navios.
Tinha que sêr! E olhai: não é sem calafrios
Que inda agora relembro essa scena da entrega.
Nos concertos da paz abrandára a refrega
E os Infantes, *(com espanto)* por Deus! lutaram à porfia.
Que ambos queriam ficar. D. Henrique dizia:
«Meu irmão, fico eu; e morrerei penando
Mas não se entregue Ceuta!»
O outro, D. Fernando:
«Senhor, sou o mais novo. E não tenhais por mal,
Que eu saberei sofrer por Deus e Portugal!»
D. Henrique teimou; mas o conselho, então,
Todo deu parecer de que ficasse o irmão.
Ao despedir de nós, foi um pranto desfeito.
Dizia-nos, assim, ao cingir-nos ao peito:
«Digam, por mim, adeus a Portugal e ao Rei!
Rezem por mim... Jámais vos torno a vêr; bem sei!»
Cortava o coração! Naquela areia adusta
Correu água, afinal... Regou-se, à nossa custa,
Das lágrimas, sem fim, que êsse dia choramos!...

M. Jaime

Faz pena!

M. Rodrigo

É triste!

Luís Carneiro

E, pois os três nos encontramos,
Peço-vos que escuteis. O Infante anda mais triste...
Sempre a falar sósinho... E uma só coisa existe
Que o possa distrair...

M. JAIME

É o mar!

LUÍS CARNEIRO

(confirmando)

É o mar!

Bem podiamos nós ir hoje procurar,
E juntá-los aqui aos nobres estrangeiros.
E êles amam o Infante. Hão-de ser os primeiros...

M. JAIME

(levantando-se)

Eu irei por Valarte.

M. RODRIGO

(levantando-se)

Eu vou por Cadamosto.

LUÍS CARNEIRO

Buscarei Antonioto... Ide: virão a gôsto.

(saem em direcções diferentes)

SCENA III

D. HENRIQUE, só

(A scena fica, por momentos, deserta. O Infante entra, a passos lentos, em direcção à mesa. Traz um pergaminho na mão. Vem sombrio e cabisbaixo)

INFANTE

(com dôr)

Pobre de ti, irmão! Que desgraça! que sorte!
O que êle aqui me diz! Mais te valia a morte!
Se o soüberas, meu Pai, snr. rei D. João!
Sabes... e hás de chorar! Sabes, que esta aflição
É maior do que a morte e há de te lá chegar!
E os mortos também têm o dever de a chorar...
Teu filho, olha-o, ó Pai! sérvo do rei de Fez!
Em vez da espada arrasta as cadeias dos pés
E faz... sabes o quê?! Varre cavalariças!
Tu que ardias, irmão, por combater nas liças,

Onde se alcança a glória, hoje limpas esterco!

(*com desespero*)

Antes, á mingua d'água, acabasses no cêrco!
Antes, entre ladrões, te pregassem na Cruz!
Antes, Senhora e Mãe, nunca o désses à luz!
Era ainda em teu ventre e adoeceste, Senhora,
Fôste às portas da morte. E bem melhor te fôra,
Bem melhor, ter morrido e matá-lo comtigo!

(*após um instante de reflexão*)

São juizos de Deus?! Pois então se é castigo,
Eis-me! Mas cáia só sobre a minha cabeça!

(*com revolta e violencia crescentes*)

Mas, não! Que foi por ti esta ambição de glória,
E se acaso vencesse era tua a vitória...

(*pausa*)

Ah! se El-Rei, nosso irmão, nêsse estado te visse
Trocára o parecer, deixára a covardice,
Que outra coisa não é só chorar e gemer.
Désse-me o que eu pedi—gente pronta a morrer,
Portugueses de lei, d'ânimo sempre forte,
E eu iria varrer com o açoute da Morte
Para longe do Sol todos os infieis.
Mas que eu vá... Possa eu ir... Vereis, pêrros crueis,
Como a espada de Ceuta inda tem fio e córta!
Há de esconder-se o Sol com nojo à carne morta!
E oh! hienas, chacais dos desertos sem fim,
Corvos de todo o Céu, dar-vos hei um festim!

(*Aqui tem erguido a voz, de maneira que Luís Carneiro ouve fóra e acóde.*)

SCENA IV

INFANTE E LUÍS CARNEIRO

LUÍS CARNEIRO

É por mim que chamais? O que haveis de mandar?

INFANTE

Deixa... falava só... andava a imaginar,

Mas espera: está bem. Dize a Mestre Rodrigo
Que lhe quero falar; que venha ter comigo.

(*Luís Carneiro, sai*)

SCENA V

INFANTE, M. RODRIGO, depois ANTONIOTO DA NOLE, CADAMOSTO, VALARTE, JOÃO FERNANDES, M. JAIME e LUÍS CARNEIRO

INFANTE

(*a Rodrigo, que entra*)

Já terminaste, emfim, como eu a imaginei?
A nossa nova carta?

M. RODRIGO

Hoje mesmo a acabei.

(*desenrolando um pergaminho*)

Para a verdes, Senhor, a trazia comigo.

INFANTE

(*pegando na carta e examinando-a)*

É isto assim, por Deus! Folgo, Mestre Rodrigo,
Pois mui breve sereis mestre em cosmografia.

M. RODRIGO

(*com modéstia*)

Meu Senhor, Mestre Jaime é que foi o meu guia.

INFANTE

Sim. Ouve-lhe a lição; é muito do meu gosto.

(*entram os estrangeiros: Antonioto e Cadamosto, vestidos de marinheiros fidalgos; Valarte traz meia armadura*)

Antonioto da Nole, Aloisio Cadamosto,
Ora vêde esta carta e dizei-me, em verdade,
O que julgardes bem.

(*os dois examinam-a atentamente e com surpresa*)

CADAMOSTO

Senhor: é novidade.
Os Açôres, a Madeira, o Senegal... É isto!

ANTONIOTO

(com admiração)

É todo o novo Mar e o Mundo nunca visto!

JOÃO FERNANDES

(olhando a carta nas mãos de Cadamosto e apontando)

O Cabo Bojadôr, que Gil Eanes dobrou;
Ilha de S. Miguel, p'ra onde Deus guiou
Velho Cabral; e além o Porto da Galé.
Olha as ilhas de Arguim, Cabo Branco, Guiné.

(com pesar)

Ah! mas tambêm aqui há lugares de paixão:
Rio de Nuno...

INFANTE

(a quem o rosto mais se ensombra)

Aí, morreu Nuno Tristão.

CADAMOSTO

(desviando a conversa)

Lembras-te, Antonioto? Aqui andamos nós.

ANTONIOTO DA NOLE

(afirmando-se)

É isso—o Senegal.

CADAMOSTO

Estudamos-lhe a foz...»

ANTONIOTO DA NOLE

(apontando com sinais de espanto)

A Madeira! Isto, sim!

CADAMOSTO

É uma maravilha!

INFANTE

(*recordando-se de súbito*)

Ah! vou-vos mandar vir vinho novo da Ilha.
Zarco, que p'ra lá foi e que agora voltou,
Trouxe-me vinho já das cêpas que plantou
E eu de Candia fiz vir.

(*A Luís Carneiro*)

Tragam taças e o vinho.

(*Luís Carneiro sai*)

JOÃO

(*que pegou da carta, num impeto, olha-a e diz, apontando*)

Aqui desembarquei, aqui fiquei sósinho
Para colher sinais...

INFANTE

Bons sinais me trouxeste...

JOÃO

Mal que me viram só, arrancaram-me a veste,
Deram-me uma almexía e umas bragas de couro,
E assim andei um ano. E do Rio do Ouro
Levaram-me ao deserto. Ah! quem me dera a mim
Sôbre um camêlo errar no deserto sem fim,
Como naquele tempo em que por lá errei...
O espaço é sem limite, a vontade sem lei...
Corre-se a solidão... E, de noite, as estrelas
Ardem com tal fulgor que se diria, ao vê-las,
Que caem sôbre nós, que vêm a desabar,
Ou que o vento Simum nos levou pelo ar
E o camêlo, a voar, já vai ao pé dos astros...

(*Pausa*)

Nem sombra de caminho... O vento apaga os rastros;
E quem nos guia são as estrelas e as aves.
É quási andar no Mar, à aventura, nas naves!...

CADAMOSTO .

Sois outro Marco Polo; e olhai, João Fernandes:
Devieis escrever aventuras tão grandes.

(*Entram Luís Carneiro e dois pagens com o vinho e as taças, que dispõem sôbre a mesa. Um dos pagens lança o vinho nas taças. Quando vai a deitá-lo na que se encontra em frente de D. Henrique, êste recusa com um gesto*)

CADAMOSTO

(*depois de beber, deliciado*)

Que encanto de sabôr!

VALARTE

E o perfume!

CADAMOSTO

E esta côr!

ANTONIOTO

Deixai-o envelhecer que inda será melhor.

JOÃO FERNANDES

É o sangue da ilha, é o filtro do Infante!
A mim, basta bebê-lo, e nesse mesmo instante
O desejo do Mar me abraza o coração
Na ânsia de partir.

VALARTE

Vinho da tentação!
Desejo é para o Mar que tu sempre me foges!...

CADAMOSTO

Devia-se beber no palácio dos Doges!

VALARTE

(*com a taça na mão, ao Infante*)

Vai-te entregando o Mar suas ilhas formosas,
E já elas te dão primícias saborosas
Como esta! És o senhor da Terra nunca vista!
Quem assentou mais longe os malhões da conquista?!
Nem Alexandre, o Grande, El-Rei da Macedónia!
Fundou Alexandria? Entrou em Babilónia?!
E o teu reino já vai pelo Oceano profundo
Á distancia sem fim! Pois Deus criou o Mundo!?
E tu és outro Deus, fazes o que Êle fez!
Descobrir é criar pela segunda vez!

(*suplicante*)

Pelas terras do Mar que tens a descobrir,
Senhor, dá-me uma nau, quero tambem partir!

INFANTE

Não entendo, Valarte, êsse desejo em ti.
Cadamosto, vá lá: é de Veneza, e aí
Entra a cidade ao mar, como as próprias galés...
Antonioto, tambêm, pois êsse é genovês.
Mas tu, Valarte, não! Que sonho te chamava
Quando vieste aqui da terra escandinava?!

VALARTE

Na Escandinávia, à côrte, onde, de há muito, sou
Gentil-homem do Rei, vosso nome chegou
E com o nome a voz de tão sublime empresa.
E sabereis, senhor, que eu tenho por nobreza
Descender dessa raça, esse povo normando,
O primeiro que andou êste Mar navegando...

INFANTE

Já compreendo então.

VALARTE

Quantas vezes me passa
Pela mente que vós tambêm sois dessa raça.

Entre os filhos do Rei, só herdava o primeiro.
E os outros tinham de ir, qual mais aventureiro,
Sôbre um barco de guerra, ao largo a conquistar.
Ganhavam o seu reino: eram os «Reis do Mar».
Ah! que feitos de herois! Eu podia contar-te
A morte de Lobrog...

INFANTE

Ah! mas conta Valarte!

VALARTE

Lobrog, um Rei do Mar, o heroi mais destemido
De toda a sua raça, um dia foi vencido
E ficou em poder d'Oela de Inglaterra.
E êste, aceso em furor, mal que chegou a terra,
Deitou-o para um fôsso, onde havia lançado
Mil víboras com fome. E Lobrog, assaltado
Por êsse vivo Inferno, inda soube ser forte
E aí mesmo entoou êste

«CANTO DE MORTE»

(*recita, de pé*)

Combati com a espada! Foi na terra.
Ao meu grito de guerra,
Voaram contra mim os mais valentes.
Mas foi-lhes êsse dia o mais nefasto:
Dei-lhes, co'a morte, os corpos inda quentes
Aos lôbos, em repasto!

Combati com a espada! Foi no mar
E no estreito de Eirar.
Corri sôbre os navios, desvairado;
Encheram-se de mortos as cobertas;
E o mar ficou vermelho e ensanguentado,
Como as feridas abertas!

Combati com a espada! E um dia foi
Com Althiof, o heroi:

Rasguei-lhe o coração, ficou exangue;
Matei-lhe os mil guerreiros que trazia.
Vi os corvos nadar dentro do sangue,
Crucitar de alegria!

Combati com a espada! Naveguei...
Oh! Mar, fui o teu Rei!
Porque é que me não fôste sepultura?!
Como consentes tu que eu seja escravo,
Tu que me déste a sêde da aventura,
Oh! mar livre!? Oh! mar bravo!?

Combati com a espada! Ó Aslaúga,
Vê lá! Acirra, estuga
Os nossos bravos filhos à vingança!
Êles virão nas asas da procela,
Verás: hão de tingir a sua lança
Com o teu sangue, Oela!

Combati com a espada! Ah! que os meus braços
Vão a caír de lassos!
A dentada das víboras é funda.
Veem; sinto-as trepar; cravam-me os dentes;
Já um veneno cálido me inunda:
Eh! fartai-vos, serpentes!

É forçoso acabar! Já vejo os Dyses;
Levam-me e vão felizes.
As honras dos herois me estão guardadas
Nos palácios do céu d'Odin, o forte.
Já as horas da vida estão contadas,
Mas eu sorrio à Morte!

(*erguendo a taça com entusiasmo e saùdando o Infante*)

Aos manes de Lobrog e ao novo Rei do Mar!

(*todos erguem as taças*)

INFANTE

(que ouviu com crescente interesse)

Nesse canto do heroi parece-me escutar
Um éco onde murmura a minha própria vóz.
Talvez os Reis do Mar fôssem os meus avós!

CADAMOSTO

É o hino do valor!

ANTONIOTO

Torna o ânimo forte! . . .

JOÃO FERNANDES

Foi escrito com sangue e desprezo da morte.
Mais se vê do que se ouve; inda sangra, é vermelho!

INFANTE

(com entusiasmo)

A alma dum heroi não tem melhor espelho.
Se podesse pintar-me ao sabor do desejo,
Êsse era o meu retrato.

(com reflexão amarga)

E, ai de mim! que bem vejo
Que a desgraça acompanha os que são como eu sou.
Mas êsse foi o heroi: nem a morte o quebrou!
Valarte, dou-te a nau, em paga da canção.

VALARTE

Graças, nobre Senhor. Quero beijar-te a mão.

(beija)

UM PAGEM

(que entra, com alvoroço)

Senhor, gente da côrte acaba de chegar,
E aguardam-vos aqui; instam por vos falar.

SCENA VI

OS MESMOS, D. BEATRIZ, D. MÉCIA, MESTRE GUEDELHA
E FREI GASPAR

(*estes teem entrado ás ultimas palavras do pagem. Os estrangeiros ficam suspensos, de taça na mão. A desolação e a dôr, pintada no rosto dos que entram, deixam quantos estão, suspensos e ansiosos. Emquanto D. Beatriz fala, levantam-se alguns dos estrangeiros e preparam-se para sair*)

D. BEATRIZ

(*que se adeanta*)

Deus vos guarde, Senhor. (*olhando em volta*)
Que alegre companhia!
É um palácio em festa! Ah! mas que viva a alegria,
E vosso irmão, em Fez, êsse beba sósinho,
Devore trago a trago as lágrimas que chora...

(*O Infante levanta-se com mau semblante*)

MESTRE GUEDELHA

(*interrompendo*)

Perdoai-nos, Senhor, se entramos sem demora;
Mas El-Rei é doente e há novas tão crueis
Que chegaram de Fez...

(*detem-se, olhando os fidalgos estrangeiros e demais personagens que assistem. Estes saem*)

D. BEATRIZ

(*com aflição e como quem afasta um mau pensamento*)

Mas não! não no sabeis.
Porque, a não ser assim, nem por um só momento
A aflição vos deixava... É que não há tormento
E martírio maior do que o de vosso irmão.
Vosso irmão e de El-Rei, filho do Rei D. João,
Grande de Portugal e grande em todo o Mundo,
Feito de mesteiral no mister mais imundo!
E não bastava ainda esta extrema vileza;
Deixaram-no insultar sósinho e sem defesa
Pela mais baixa plebe entre os moiros sem fé;
Açoitaram-no e foi o truão da ralé.

Hoje, numa prisão, passa os dias e as noites
A gemer e a chorar; sangram-lhe inda os açoites
No corpo quasi nú; anojam-no os piolhos;
De se ajoelhar no chão tem feridas nos giolhos;
E dois sulcos de fogo, em carne viva, em chaga,
Rasgam-lhe a face a arder do pranto que o alaga.
Oh! martírio sem par! (*suplicante*) Piedade para o pobre!
Mudai de parecer!... Vós sois grande, sois nobre,
E atraiçoar os seus, a troco de ambição,
Nunca!... Não se perdôa ao mais baixo vilão.
Senhor, é do Evangelho: «O que mais dá mais cobra.»
E meio Portugal não pagava de sobra
A dôr de vosso irmão, quanto mais Ceuta, agora...
Êsse monstro cruel que nos suga e devora.
Isto pensais?! Não é?... E por certo o direis
A El-Rei D. Duarte...

INFANTE

(*que às últimas palavras entrou de passear, visivelmente agitado, pára*)

E como é que o sabeis?
Quem trouxe novas tais?!

MESTRE GUEDELHA

Um alfaqueque moiro,
Que há muito serve El-Rei e a pêso de bom oiro
E em perigo — sabe-o Deus! — lá foi mais uma vez,
Há alguns dias voltou com notícias de Fez.
João Álvares, o que é secretário do Infante,
Tudo em carta escreveu. Mas é que neste instante
Há desgraça maior. El-Rei apenas leu
O que a carta dizia, afligiu-se, adoeceu;
Chora que é de matar; e a doença é de sorte...

INFANTE

Mestre, vós receaes?!

MESTRE GUEDELHA

Receio muito a morte.

Ora havia um remedio. As côrtes, bem n'o sei,
Fôram de parecer, e disseram-no ao Rei,
De não entregar Ceuta. Havia esperança... e era
De o resgatar a oiro...

(com desolação)

A morte é que não espera.

(persuasivo)

Se o vosso parecer sobre Ceuta mudasse
E a vossa voz ao Rei e ao Povo o declarasse,
Muito podeis, Senhor... Consentiam... Depois,
Ia-se Ceuta? Sim, mas salvavam-se os dois!

FREI GASPAR

(que tem escutado e sempre com sinais de impaciência)

El-Rei, nosso Senhor, mandou-nos junto a vós
Saber vosso conselho, e já, de viva voz.

(em tom de censura)

E vai... D. Beatriz, quiz aqui vir também...

MESTRE GUEDELHA

(assomado)

Senhor, veem comigo...

FREI GASPAR

E vieram... Pois bem.
O mal de El-Rei, é certo, é de mui grave aspeito.

(com ares misteriosos)

É mal que vem de longe e êsse mal está feito.

INFANTE

(severo)

Padre, culpais alguem?!

FREI GASPAR

(com veemente energia)

Senhor, sois o culpado!
Mas não dobreis o mal com mais feio pecado.

Ceuta já é cristã; não se dá que é de Deus!
E por muito que peze a mulheres ou judeus...

INFANTE

(*soberbo de indignação*)

Padre, ficai sabendo: o conselho que eu der
Nem o quero de vós, nem será de mulher,
Nem consinto, também, que venhas a insultar.

FREI GASPAR

Falo em nome de Deus!

INFANTE

(*apontando-lhe a porta*)

Ide-vos, Frei Gaspar!

(*Frei Gaspar sai.*)
(*Com exaltação desordenada*)

Mentiram-vos! Quem foi?! Quem se atreveu?! Falai!
Dar Ceuta?! Era insultar as cinzas de meu pai!
Dar a joia melhor de todo o Portugal?!
E porquê?! É o Infante? É de sangue real?!
Dava-me eu, dava El-Rei e os nobres, de maneira
Que a Pátria, a nossa Terra, essa ficasse inteira.
Quiz eu dar-me em refens e logo disse o intento:
Que se não désse Ceuta, e eu morria a contento.
E agora pensa El-Rei trocar a sua terra
Por uma vida só?! Livrasse-o pela guerra,
Désse-me gente, a mim, de esforçada tenção
Que eu ia mesmo a Fez arrancá-lo à prisão!
Portugal não se dá a troco de ninguem!
Morre o Infante?... É mal que há de volver-se em bem:
As dôres de Portugal tornam a grei mais forte!

D. BEATRIZ

(*torcendo as mãos aflitivamente e com desespêro*)

Senhor! Senhor! E assim se há de vender à morte
Pela falsa moeda a que chamais a glória,
Honra de vosso Pai ou fruto da Vitória,
Vida tão preciosa?!

(com aflição)

Ah! mas então é porque eu
Vos não soube dizer quanto sofre e sofreu
Êsse martir em Fez...

(Tem um momento de hesitação como quem procura uma ideia, e logo diz, soberba de revolta e dôr)

Mandai vir os criados;
E se fôrem crueis, feras, lobos danados,
Tanto melhor: mandai! E ordenai, é meu gosto:
Que me arrastem no chão! que me cuspam no rosto!
Que me roubem a honra! e se haveis um flagelo,
Que me rasguem a carne!

(desaperta furiosamente o corpete, e continua num repto doloroso)

Eis o meu corpo! É belo?!
Tanto melhor! Rasgai com raiva, com furôr!
Tentai arremedar em mim a sua dôr!
Pintai na minha carne, a sangue, o seu martírio!
E, se aos meus tristes ais, ao choroso delírio
Da minha alma a gritar, não sentirdes piedade,
Não é sangue, é peçonha, é gelo, é ruindade,
É veneno mortal que nas veias vos corre...

(numa súbita transformação, lança-se por terra e abraça os pés do Infante, tentando beijar-lhos)

Perdoai-me, Senhor! Mas D. Fernando morre...
Eu beijo-vos os pés! Perdoai, sou mulher.
Salvai o vosso irmão, não no deixeis morrer,
Que, se esquecerdes um, é aos dois que matais!...

(prostra-se no chão, chorando convulsivamente)

INFANTE

(escondendo a comoção)

Levem esta mulher! Mais lágrimas, bem mais,
Em torrentes sem fim, me inundavam a face,

(com a mão no peito)

Se êste Oceano de Dôr em mim se despenhasse
E podesse correr nesse chôro aflitivo...

(D. Beatriz, arquejante de chôro, sai, amparada por D. Mécia e Mestre Guedelha)

MESTRE GUEDELHA

(*ao dobrar da porta, volta-se subitamente e exclama*)

Talvez que algum dos dois, Senhor, não seja vivo.
Tendes no vosso rosto êsse escuro segredo...

(*recuando com espanto*)

Fala-me o vosso vulto e o que diz mete mêdo...

(*Saem. O Infante fica um momento só*)

D. MÉCIA

(*entra e lança-se-lhe aos pés; com suplicante humildade*)

Sou mulher, bem n'o sei. Não vos darei conselhos;
Mas, pelo nosso amor, peço-vos de joelhos:
Salvai o vosso irmão!

INFANTE

(*terrivel*)

Senhora: nem o amôr
De vós, do Rei, dos meus, nada, seja o que fôr,
Por bem de Portugal, me há de fazer mudar!

(*Pausa. Numa resolução subita*)

Senhora! Nem eu tenho o direito de amar:
É dura a minha lei: serei duro comigo.
Levantai-vos daí e ouvi o que vos digo:
Não mais faleis de amôr! Amai a Deus do céu!
Que eu me condeno a mim: sou o juiz e o reu!

(*D. Mécia permanece de joelhos, chorando*)

PAGEM

(*entrando açodado*)

Um pagem de D. Pedro, e quer da sua parte,
Falar-vos já.

INFANTE

Entrai.

MENSAGEIRO

(*entra*)

Morreu El-Rei D. Duarte!

(*D. Mécia ergue mais alto o chôro aflitivo. Surgem vultos às portas, com uma interrogação muda no rosto*).

INFANTE

(*cai sobre uma cadeira, aperta as mãos na cabeça e exclama num desfalecimento*)

Morto!

(*mas logo, após curto silêncio, ergue-se, estátua de frialdade e orgulho, exclama*)

Meu Deus! bem sei, tens o poder na mão;
Mas se tu queres, Senhor, provar-me o coração,
Então direi: jamais eu me senti tão forte:
Quem triunfa do Amôr, tambem despreza a Morte!

FIM DO 2.º ACTO

ACTO III

Capela do fundador, no convento da Batalha. Presume-se que o eixo da nave central corta a scena oblíquamente. Vê-se a entrada da nave. Adivinha-se a porta do mosteiro. Ao fundo da capela os túmulos dos Infantes. A meio, o túmulo de D. João I e D. Filipa. Ao lado, junto ao túmulo do Infante D. Fernando, um altar de preto. Altos tocheiros, á volta. Dois frades dispõem veludos pretos e conversam.

SCENA I

1.° e 2.° FRADES DOMINICOS

1.° FRADE

O silêncio, a clausura: eis a sabedoria.
Há mais luz, vê-se mais onde não entra o dia.
A luz do Sol é negra e oculta como um véu
Numa teia cerrada os mais astros do Céu...
Lá fóra, à luz do Sol, ninguem vê as estrelas;
Desça ao fundo dum poço e em trevas há de vê-las.
E, ave da noite, a alma ala-se arrebatada
Sôbre o abismo nocturno, a Treva constelada...
Homens, como sois vãos! Buscais a vida inteira
Ter a sabedoria... Oh! maldita cegueira!
Ei-la aqui, bem patente: é fácil encontrá-la.
O Espírito de Deus, aqui dentro nos fala;
Lá fóra é o tôrvo mar das tentações do mundo,
E quando Satanaz, quando o Espírito imundo
Sôbre as almas assopra o bafo pestilento,
Nunca mais a ambição as deixa um só momento.
E a alma tem lá sítio onde esteja tão bem?!

2.° FRADE

E o corpo, meu irmão?!

1.º FRADE

Frei Bernardo, tambêm.
O corpo ama o repouso. E sofrer com valor
Todo o peso da cruz, só Deus Nosso Senhor...
Ninguem pode egualar a sagrada Paixão...

2.º FRADE

E tambem é pecado a excessiva ambição.

1.º FRADE

(*continuando*)
Morre-se, e a gente vai para o Céu direitinho.

2.º FRADE

Dizei-me, bom irmão, sem parar no caminho?...

1.º FRADE

(*com disfarçada ironia*)
Aqueles, meu irmão, que estão no dormitório
Ás horas de rezar, ficam no Purgatório
Pra lhes fugir o sôno, a assar, por um momento...

2.º FRADE

(*despeitado*)
Nem um frango a aloirar no forno do convento...

1.º FRADE

Dizeis bem. É que Deus tambem tem paladar;
E quem nada sofreu não lhe pode agradar.

2.º FRADE

Pois o Infante que hoje aqui é sepultado,
Êsse, bem deve ser do seu divino agrado.

1.º FRADE

Frei Bernardo, êsse sim! que é o manjar perfeito!
Tanto a dôr o provou que, do corpo desfeito,
Só entra o coração no sepulcro real.

(reatando o fio do pensamento)

Ora olhai... a ambição... Vêde se há maior mal.

(como quem vê um triste espectáculo)

Que horror! *(judicioso)*
El-Rei D. João—que Deus tenha na glória!
Êsse soube vencer e poupar a Vitória.

(reflectindo)

Mas, dir-se-ia que Deus erra os golpes, às vezes,
Pois um comete o erro e outro sofre os revezes.
D. Henrique, o falcão, e D. Fernando a pomba...
Senhor, e em teu juizo a inocência é que tomba!
Quem há de prescrutar teus secretos juizos?!

(olhando para a entrada e afirmando-se, como quem duvida da própria vista)

Irmão, quem vem alêm com passos indecisos?
Eu iria jurar... mas velho e vacilante...
Será?! O irmão que foi secretário do Infante,
De D. Fernando, em Fez?...

2.º FRADE

(confirmando)

Frei João Alvares, sim...

SCENA II

OS MESMOS, FREI JOÃO ALVARES e FRADES,
que pouco a pouco vão entrando

1.º FRADE

A que vindes, irmão?

FREI JOÃO

(*que veste a cogula escura de frade bento, de rosto maltratado pelo tempo e pela dôr, prematuramente envelhecido, com voz trémula e vagaroso pesar*)

Perguntais a que vim...
Pois se eu quási o criei e, triste companheiro,
Fui sempre junto dêle em todo o cativeiro...
Se lhe assisti à morte...

2.º FRADE

(*curioso*)

E vós, D. Frei João,
Nos podieis contar—ou faz-vos aflição?!
Por que bôa maneira alcançastes trazer
As relíquias mortais...

FREI JOÃO

(*sempre com voz cançada, mas que a emoção vai embebendo em lágrimas*)

Que me importa dizer...
Não se apaga o que a Morte escreveu na memória!
Demais, ando a escrever em arranjos de história,
Por mandado do irmão, o Infante D. Henrique,
Sua vida e paixão, para que tudo fique
Como piedoso exemplo... E olhai que o seu martírio
Bem merece contar-se. (*num extasi*)
Ah! meus irmãos! o lírio
Não é de mais candura, a pomba não é mansa,
O cordeiro inocente ou ingénua a criança,
Como a alma do Infante ao roçar pela vida.
Nunca vi no seu rosto expressão desabrida;
Nem uma queixa só jamais lhe ouvi soltar.
Antes, piedoso e humilde, alêm de suportar
Os seus males crueis—Senhor! e fôram tantos!
Quantas vezes dizendo uns propósitos santos,
Poisando sobre nós as mãos compadecidas,
Pelo poder do amôr, sarava as nossas feridas...

(*Pausa. Numa voz mais triste*)

Quando morreu, o corpo era todo uma chaga,
E, a modos duma luz que à hora em que se apaga

Tem um clarão mais vivo, o rosto iluminou-se,
E entrou de nos falar numa voz muito dôce,
—Tão fraquinha, meu Deus! que já se ouvia mal!—
De soidades daqui, do amôr a Portugal,
Da mãe e dos irmãos, duma D. Beatriz,
A que êle muito amou, e então, ó infeliz!
O murmúrio da voz era, ainda, mais triste...

(*Limpa uma lágrima*).

1.º FRADE

É a filha de Zarco...

2.º FRADE

E essa, penso que existe.

(*continuando*)

Morreu d'olhos no Céu; tinha um ar tão risonho,
Como se emfim olhasse, a meio d'algum sonho,
Tudo o que o seu amôr apetecia há tanto.

(*Pausa*)

Nós erguemos ao Céu um temeroso pranto.
E à tarde, na prisão, poisou um rouxinol
E cantou toda a noite até romper o sol.
Infligiram-lhe, então, as ofensas supremas:
Mandaram-lhe arrancar os ferros das algemas
E abrir-lhe o corpo todo; e depois de salgado,
Rôxo, sangrento e nú, ficou dependurado
Das muralhas de Fez, no lugar mais exposto;
Aí foi açoitado, enlamearam-lhe o rosto,
E em frente, por doesto, iam todos os dias
Jogar canas, tanger, bailar suas folias!

(*Frei Gaspar tem entrado e ouvido parte da narração*)

SCENA III

OS MESMOS E FREI GASPAR

FREI JOÃO

Salve-o Deus, Dom Prior.

FREI GASPAR

Continuai, meu irmão.

FREI JOÃO

E diziam-lhe assim: «Oh! pêrro de cristão,
Como é que os teus irmãos, rei dos arrenegados,
Para roubar o alheio eram tão esforçados
E não vieram livrar-te a ti, que estavas preso?
Pois mereces aos teus um tamanho desprezo!
Toma! nunca é de mais o que um moiro te faça...

2.º FRADE

Malditos infieis!

1.º FRADE

Malditos! Que desgraça!

FREI GASPAR

(abanando a cabeça)
A ambição, a ambição...

FREI JOÃO

(recordando-se)
Houve um profeta moiro
Que um dia ali passou e em palavras d'agoiro,
Erguendo a mão no ar, direita a Portugal,
Exclamou: «A ambição é o vosso maior mal.
Êste já cá ficou, mas oh! maldita grei!
Has de vir cá perder a honra, a pátria, o rei!»

(Há um silencio doloroso. Olham-se alguns dos frades com espanto)

E ao tempo em que morreu e o corpo foi aberto
É que eu, com mais alguns que ali eramos perto,
Conseguimos roubar—Deus sabe com que perigo!
O coração do Infante... Houve-o sempre comigo

Até ao meu resgate, e depois, no regresso,
Veiu comigo ao reino... E é quanto dá ingresso
Na capela real

(*olhando em volta*)

Da Igreja da Vitória!

FREI GASPAR

(*com severo acento*)

Salvou-se o coração para triste memória!

(*abanando a cabeça*)

Êsse profeta infiel... Oxalá que algum dia
Não venha inda a cumprir-se a estranha profecia.

1.º FRADE

Régulus e Ifigénia... Um, o povo romano,
A outra, a Grécia antiga; aos dois, se não me engano,
Podemos egualar o mártir miserando.
Régulus, como o nosso Infante D. Fernando,
Quiz, estando em refens entre os cartagineses,
Mais que a paz vergonhosa, antes morrer mil vezes:
Bebeu o fel do exílio, aos poucos, trago a trago...

FREI JOÃO

Foi o Infante em Fez, Régulus em Cartago!

1.º FRADE

E Ifigénia era filha, a acreditar na lenda,
Dum rei grego que fez a mais trágica oferenda:
Matou-a, em sacrifício aos seus deuses pagãos,
Para vencer a Troia... E, para nós, cristãos,
Mude-se uma palavra e o resto é semelhante:
Em vez de Troia, Ceuta...

FREI JOÃO

(*dolorosamente*)

E de Ifigénia, o Infante!

FREI GASPAR

(*pensativo, olhando a scena*)

Um sacrifício a Deus! E êste lúgubre fausto
Diz bem com o final do sangrento holocausto!

1.º FRADE

Vêde, pois, Dom Prior; talvez Deus se contente
Com êste sacrifício e êste sangue inocente.
E olhai: êstes heróis de rara lealdade,
Só na Grécia ou em Roma, e de edade em edade...

SCENA IV

OS MESMOS, D. HENRIQUE E UM PAGEM

PAGEM

(*que acaba de entrar*)

O cortejo vem perto. O Infante, meu senhor,
Mandou-me dar o aviso ao vosso Dom Prior.

FREI GASPAR

Irmãos, vamos depressa. (*os frades saem*)

FREI JOÃO

Eu quero inda rezar;

Vou à capela-mór.

FREI GASPAR

(*ao Pagem*)

Pagem, pódes voltar.

(*Saem todos. Fica a scena, por momentos, deserta e em silêncio, até que os sinos começam a dobrar violentamente a sinais. Entra a seguir o Infante. Vem de burel escuro, em sinal de dó. Pára à entrada e olha o templo. Depois, segue vagarosamente até junto dos túmulos da capela do Fundador. Calam-se os sinos*).

INFANTE

(com amarga reflexão)

Pompas, galas reais! Que trágica ironia!
Êle, que foi morrer numa infame enxovia,
Neto, filho de reis, duma raça de bravos,
Feito na terra estranha o escravo dos escravos;
Êle, posto por vil, cuspido, enxovalhado!
E é ao seu coração sangrento, espedaçado
Pelas dôres mais crueis, — tristíssima homenagem!
Que hoje se presta a honra, a glória, a vassalagem...

(com as mãos postas no peito, aflitivamente)

Que agonia mortal! Que horrivel amargura!
Abre-te para mim, tambêm, oh! sepultura!
Oh! mártir, meu irmão, quem me dera juntar-te!

(com firmeza)

Mas não; eu ficarei. Fico para vingar-te!

(lastimando-se)

Fôssem comigo, um dia, os heróis que aqui perto
Derramaram seu sangue, e então tenho por certo
Que eras vingado. Assim... cubra-te o mesmo Céu
Onde arde ainda o sonho em que a batalha ardeu,
Que o sonho da Batalha, o templo da Vitória,
Te esconda no seu seio, em sua eterna glória...

(Os sinos dobram com violencia. Estremece, num arripio. Com revolta e logo com entusiasmo, até atingir o tom épico)

Bronzes, porque dobrais a mortos... a sinais?!
Se tudo aqui desmente êsses écos mortais.
Aqui vive-se alêm dêste mundo e da morte.
A pedra fez-se névoa, exaltação, transporte,
E alevantou-se ao ar, tem o vôo das aves;
E dos altos portais, pelas profundas naves,
Entre arcos ogivais, ao cimo, aos corucheus,
Parte, vôa suspensa, erra no azul dos Céus,
Vai à busca de Deus, em plena imensidade:
Mal que se entra o mosteiro, é-se na Eternidade!
Oh! Batalha sublime! alma de Portugal,
Petrificada em glória, Aljubarrôta ideal!

Eterno o teu fragôr aqui dentro se escuta,
E, ébria de altura já, tu desvairas na luta,
Tens mais aceso ainda o revolto escarceu:
Venceste sôbre a Terra; hoje... vences no Céu!

(*Começam a entrar alguns populares cautelosamente, como que no receio de tamanha grandeza*)

SCENA V

INFANTE, UM HOMEM DO POVO E UM MOÇO

Moço

Nunca vi nada assim! Que lindo é o mosteiro!

(*caminham até junto do túmulo do Fundador*)

Popular

(*apontando, e para o Moço*)

Aqui, filho, descança El-Rei D. João I.
Tem a rainha ao lado. Êste foi quem ganhou
Aljubarrôta e Ceuta... E olha, à fé de quem sou,
Deves-me tanto a mim, como a êle, em verdade;
A mim, deves-me a vida; a êle, a liberdade.

Moço

(*apontando*)

E êstes túmulos, Pai?!

Popular

Estes, em volta, são
Para os filhos de El-Rei. Já aí está D. João
E na capela-mór D. Duarte, tambêm;
E os outros, deixa estar, inda todos cá vem.
As campas aí estão (*com admiração*) e mui bem corregidas!

(*apontando*)

Aí, talvez D. Pedro, o das sete Partidas;

Aí o Infante Santo; e nesse, talvez fique
O que venceu o Mar...

(*Tem entrado um frade que vai acendendo as tochas do altar. De subito, ilumina-se e avulta a figura do Infante. Recuando com espanto*)

O Infante D. Henrique!

SCENA VI

OS MESMOS, FREI GASPAR, FREI JOÃO ALVARES, LUÍS CARNEIRO, CAVALEIROS, FRADES, HOMENS e MULHERES do povo

(*Emquanto os sinos dobram novamente, vão entrando, por um lado, o cortejo, e pelo outro os frades, de habito preto e branco, segundo a regra dos dominicos, com Frei Gaspar, à frente, de vestes episcopais, e vermelhas, conforme o oficio dos mártires. Tanto os frades como os que veem no cortejo, trazem tochas acezas. Dois cavaleiros trazem o coração do Infante Santo, num cofre coberto de damasco preto, segurando lhe pelas argolas de prata. Conduzem-no até ao altar. Frades e cavaleiros agrupam-se em torno. O Infante está detrás e em pé.*)

FREI GASPAR

(*entoando, de missal na frente*)

Senhor! senhor! ei-los que se juntaram
Os ímpios contra ti; e conspurcaram

O seio dos teus templos sacrosantos;
Lançaram os cadaveres dos teus santos

Ás aves mais famintas que há no Céu;
E o sangue dos teus mártires correu,

Tal como a água límpida que vem
Dos montes a banhar Jerusalêm.

São um abismo êstes juizos teus,
E eu tentei perscrutá-los, oh! meu Deus!

Mas perdi-me na noite. E agora scismo:
É que um abismo arrasta a outro abismo;

E é esta a voz das tuas cataratas.
Mas tu bem vês emquanto te recatas.

Soberbo e alevantado ao ímpio vi
Como o cedro do Líbano... e segui;

Voltei e já não era; procurei
E nem sequer o seu lugar achei.

Senhor, e que é a vida dos mortais?!
Mil anos para ti ou inda mais

É como o dia d'ontem que passou;
É luz que nem se viu, só se apagou.

Sumiu-se, e nem sequer deu claridade,
Mas logo entrou na luz da Eternidade.

E os que em pranto semeiam algum dia
Hão-de ceifar mais tarde em alegria.

(*o orgão preludia e os frades cantam*)

CÔRO

Os que em lágrimas ardentes
Lançaram suas sementes,
Já voltam d'olhos enxutos
Com as mãos cheias de frutos.

(*Ao acabar o côro, Frei João Alvares abre o cofre, tira o coração que se vê envolto num pano de damasco vermelho, bordado de preto e apresenta-o ao Infante. Este, depois de o beijar, de joelhos, toma-o nas mãos, para o mostrar aos que enchem a capela*)

INFANTE

(*com o coração nas mãos, erguendo-o por fim, ao alto, num arrebatamento*)

Deus, que nos viu do Céu, escolhendo o mais belo,
Disse à Desgraça: «Vês? Torna-te o seu flagelo!»
Disse à Miseria: «Vai! Cobre-o de cinza e dó!»
E para a Dôr: «Sê mais do que a lepra de Job!»

E a Dôr roeu-lhe o corpo e todo o descarnou
Até ao coração e então aí . . . parou.
Parou . . . para que Deus, tomando-o em sua mão,
Dissesse à nossa Terra: «Eis o teu coração!»
E fazendo raiar em divina nudez
Tudo o que ha de mais nobre em peito português,
Deu ao nosso Destino uma estrela imortal,
Fez dum só coração o amôr de Portugal.

(*Ao terminar, caminha por entre os assistentes, que cantam, novamente de joelhos*)

CÔRO

Os que em lágrimas ardentes
Lançaram suas sementes,
Já voltam d'olhos enxutos
Com as mãos cheias de frutos.

(*Emquanto o coro canta, D. Henrique, auxiliado por Frei Gaspar e Frei João Alvares, coloca o coração sobre uma banqueta dantro do túmulo. O côro acaba num silencio subito, de surpreza e espanto. Olham todos para a porta, por onde entram D. Beatriz e D. Mécia.*
D. Beatriz, apoiada a D. Mecia, vem vestida de branco, extremamente magra e duma palidez mortal. Traz as mãos cheias de flores e segue a passos lentos e custosos, para o altar. Vem d'olhos fitos, como sonambula, e parece nada ver à sua volta. D. Mecia, vestida de preto, ampara-a pela cintura)

SCENA VII

OS MESMOS, D. BEATRIZ e D. MECIA

1.° POPULAR

É a filha de Zarco . . .

2.° POPULAR

É a noiva do Infante!

1.° POPULAR

Que pálida, meu Deus! E vem tão vacilante!

D. BEATRIZ

(lançando as flores sobre o cofre, com voz débil e embebida em lágrimas, num socego perturbante)

Venho trazer-te, amôr, o meu último adeus.

(carinhosa e repreensiva)

Porque fôste sem mim para o seio de Deus?!
Pois não sabias, não?! Estava à tua espera.
E, para te juntar, olha, bem pouco era
O que já me faltava. E se até, na partida,
Forçoso era deixar tão pouco desta vida,
Pois só um coração de ti cá nos ficou,
Repara, meu amôr, que eu bem pouco mais sou!

(pausa)

Bem sei que, se deixaste o coração apenas,
Foi para me dizeres das alturas serenas,
Lá, donde estás, no Céu, que és à espera de mim.
Por isso, olha, não vês? venho vestida assim...

(exaltando-se)

Pois se eu vou desposar-te entre os astros dos Céus,
E os dois vamos noivar, sob os olhos de Deus,
Unidos para sempre em toda a Eternidade...

(rompe num choro aflitivo, que a sufoca)

D. MÉCIA

(ampara-a; carinhosa, limpando-lhe as lágrimas)

Beatriz, minha irmã... já te fiz a vontade;
Vamos agora, sim? Modera essa aflição;
Sabes que te faz mal...

D. BEATRIZ

(chora contra o seio da irmã; e, quando ergue a cabeça, repara então no coração, que se vê dentro do túmulo. Tem um movimento de horror desvairado; corre para o túmulo e diz, sempre numa voz débil, que mal pode elevar-se, mas angustiosa e lancinante.

Ai, o seu coração!

Oh! que martírio o seu! Tão sangrento e desfeito!

(cai de joelhos junto do túmulo e diz, torcendo os braços num desespero)

E o meu inda a teimar, a bater-me no peito!
Pára! não quero mais! Basta... vamos morrer!
Não vês que junto dêle é vergonha viver?!
Matem-me por piedade!

(voltando-se para os assistentes e correndo-os com o olhar)

Um de vós dê-me a morte!
E o que tiver a mão tão cruel e tão forte
Que arranque um coração, que mo venha arrancar!

(dando com os olhos em D. Henrique, que se tem afastado do tumulo, estremece e diz com horror e depois numa suplica)

Tu, que mataste o irmão, tu que o foste entregar
Ás mãos dos infieis, de joelhos te peço:
Tira-me o coração, que ainda te agradeço.
Mata-me a mim tambêm e eu morrerei feliz!...

(ao dizer as ultimas palavras tomba desfalecida, para trás. Acorrem frades e cavaleiros, em tumulto)

D. MÉCIA

(que se lançou no chão, com grande dôr e alarme)

Minha irmã! minha irmã! Mataram-na! Beatriz!
Fala, minha irmãsinha! (*tomando-lhe as mãos*)
Está fria de neve...

(debruçando-se junto à face)

Quási que nem respira... É um sôpro tão leve!

1.º FRADE

Levêmo-la daqui.

(frades e cavaleiros erguem-na para a levar)

D. MÉCIA

Com geito!

FREI JOÃO

(limpando uma lágrima)

Pobresinha!

(Frades e cavaleiros saem com o corpo de D. Beatriz, em direcção à nave. A assistência vai saindo)

1.º CAVALEIRO

(olhando o vulto de D. Beatriz, que desaparece)

Namorada da morte! Era a Dôr que a sustinha!

FREI GASPAR

(prestes a saír. Com intenção)

Tu, que sabes, Senhôr, onde é o criminoso,
Faze o raio caír sobre o cedro orgulhoso!

1.º CAVALEIRO

(aos outros cavaleiros, que se juntaram, mais baixo)

Vamos, que Deus soltou o abismo da Desgraça;
Não nos leve, tambêm, a torrente que passa!

2.º CAVALEIRO

(olhando o Infante, que está de braços cruzados, cabeça baixa afundado em scisma)

O snr. D. Henrique! Olhem como ficou
Perdido a imaginar!

1.º CAVALEIRO

(baixo, considerando o vulto do Infante)

Êste nunca chorou...
Nem esta imensa dôr conseguiu comovê-lo!

2.º CAVALEIRO

(com espanto e receio)

Lembra um vulto de frágua, uma estátua de gêlo!

(Saem. Pouco a pouco, a scena tem ficado quasi deserta. Alguns populares, que se retiram, abanam a cabeça e fazem o sinal da cruz. Dois frades fecharam o tumulo. Um apagou as tochas, ficando sómente duas acezas, e dando, apenas, na escuridão, uma baça luz, que se mistura à livida claridade matinal, que já bate os vitrais do templo. Por fim, junto do Infante, há apenas Luís Carneiro. Silêncio)

SCENA VIII

D. HENRIQUE E LUÍS CARNEIRO

LUÍS CARNEIRO

(*receioso*)

Meu Snr. D. Henrique, hemos que ir-nos embora.
A vossa comitiva espera-vos lá fóra.

(*olhando ao alto*)

Já se pinta a manhã nos vitrais do convento...
Abandonai, agora, o triste pensamento;
Vamos, que é tarde já...

INFANTE

(*endireitando o corpo com firmeza, imperativamente*)

Não. Deixa-me só e vai.

LUÍS CARNEIRO

Meu Senhor, irei já... (*sai*)

SCENA IX

D. HENRIQUE, só

INFANTE

(*dirigindo-se à estátua tumular do Pai, com indignação e veemencia despenhada*)

Dize-me, ó Rei, meu Pai:
Já menti ao teu sangue?! Eu acaso manchei
A raça que empunhou o teu sceptro de Rei?!
Dize: Não lutarei como lutam os bravos?!
Já mostrei algum dia o temor dos escravos?!
Não vivo e luto só por amôr desta Terra,
E por ela e por Deus, com o facho da guerra,

Não fui alêm do Mar nas minhas caravelas?!

(*lastimando-se*)

Eu, que por tanto a amar, desafio as procelas!
Eu, que fui habitar numa inhóspita frágua,
Com os ventos do Céu, junto aos desertos d'água!
Eu, que, a cada revez, me levanto e inda teimo;
Que me abrazo por ela, e deliro, e me queimo!
Eu, que sacrifiquei, até, o próprio amôr.
E eis-me assim! A seguir-me há sempre e só a Dôr!

(*com exaltada queixa*)

Senhor! Senhor! Meu Deus! Como esta vida é dura!
Nunca julguei tão fundo o cálix da amargura,
Que podesses tornar sem limite a Desgraça!...
Pois não se exgotará o fel da minha taça?!
Tenho ainda que beber? Inda mais?! Quantas vezes?!

(*de ânimo bravo e revoltado*)

Embora! Exgotarei a taça até às fezes?!
Fique-me o coração no caminho aos pedaços!
Que a peste, a raiva, a morte, acompanhem meus passos!
Cáia o furor de Deus, sem parar, sôbre mim!
Sei que tenho um destino: hei de levá-lo ao fim.

(*Pega da capa que lhe descaiu, dá alguns passos para saír, mas volta-se para o tumulo do Infante Santo e diz, numa voz cortada de emoção*)

Fica, joia d'amôr, em teu sagrado cofre!

(*vai a sair, mas, junto ao tumulo dos pais, pára de subito, abraça-se à estátua tumular de D. Filipa e, rompendo em soluços, exclama*)

Minha mãe! minha mãe! Como o teu filho sofre!

(*chora, numa aflição alta*)

FIM DO 3.º ACTO

ACTO IV

Quarto de dormir na casa do Infante, em Sagres. Á esquerda e ao fundo, sobre um largo estrado, coberto de tapeçaria, um leito com docel sobre colunas. Ao fundo e a meio, um largo varandim, bi-partido por um mainel, deitando para o Mar. Á direita no canto do a posento, sob um docel e sobre uma pequena mesa d'altar um retábulo com a figura da Virgem da Boa-Viagem, de vulto, entalhada, com uma caravela nas mãos e do lado dois batentes pintados para fechar em forma de armário. Sôbre a mesa d'altar, vasos de flôres, castiçais de ferro e bronze e lâmpada para azeite. Em frente um leitoril recoberto com um pano, de livro de horas iluminado na prateleira, e, aos pés, uma almofada para ajoelhar. Á direita e a meio, armário de Flandres. O tecto em abóbada lavrada é artezoado. Nas paredes guademecins, e no terço inferior lambris de madeira entalhada. O chão em mosaico de tijolo. Cadeiras e escabelos. Duas portas laterais, das quais pendem reposteiros com a divisa do Infante a ouro sobre a folhagem verde e áspera do carrasco emblemático. Pelo largo varandim, vê-se ao longe um horizonte de Céu e nuvens ligeiras, que se vai tocando dos cambiantes da tarde e donde vem, por toda a sala, a sua luz morrente. Ouve-se de quando em quando o Mar rugir lá fóra.

SCENA I

INFANTE, só

INFANTE

(*sentado num cadeirão de alto espaldar, quási em frente ao varandim, olha para fóra. Tem um ar de grande abatimento e no rosto claros sinais de doença. Momentos depois de erguer o pano, começa pausada e dolorosamente*)

Adeus, adeus, ó Mar! meu soberbo inimigo!
Dorme, que eu nunca mais volto a lutar comtigo!
Que raivoso que estás! Que ira! Que fúria cega!
Nunca mais, nunca mais! Ó Oceano, socega...
Livre, corre-me o olhar na líquida planura
E inda o meu coração, numa inquieta tortura,
Ruge, pula cá dentro, inda me abala o peito,
Inda, à hora da morte, arde de insatisfeito.

(*Pausa*)

Morro como Moisés. Deus, por mim, fez milagres:
Foi a rocha de Horeb esta ponta de Sagres;
Queimava-nos a sêde, eu toquei sobre a frágua,
E nasceram caudais, a rocha abriu-se em água.
Á minha voz o Mar secou-se até ao leito
Para passar de novo, a salvo, o povo eleito.

(com amargura)

Mas, morro sem te vêr, Terra da Promissão,
Sem te alcançar, oh! Índia! oh! Rei Preste João!

SCENA II

INFANTE, LUÍS CARNEIRO, depois CADAMOSTO
e JOÃO FERNANDES

LUÍS CARNEIRO

(entrando)

Quando quereis, senhor, falar a Cadamosto
E a João Fernandes?

INFANTE

Já.

LUÍS CARNEIRO

(saindo, e àparte, com mágua)

Tem a morte no rosto.

(entram Cadamosto, Luís Carneiro e João Fernandes)

INFANTE

Pois, agora, ouvirei, quer de ti, João Fernandes,
Quer de vós, Cadamosto, as empresas tão grandes
Que levastes a cabo.

JOÃO FERNANDES

(de olhos perdidos, evocando)

Oh! meu Senhor Infante!
Mais uma vez as naus caminharam àvante
Pelo Oceano sem fim, sôbre a cinta queimada ;
E a terra é cada vez mais bela e povoada.
Vai a gente no mar e inda a larga distância
Sente-se vir de lá uma imensa fragrância,

Tão capitosa, ardente e doce que embebeda...
É tão violento o sol que, à sua labareda,
Abre-se a Terra e a Vida irrompe das Origens
E alevanta-se ao ar: são as florestas virgens!
Que tumultuoso ardôr! Que força! Que pujança!
Quási que, a cada onda em que o navio avança,
Encontra o nosso olhar mais motivos de espanto.
São maravilhas tais, dum tão diverso encanto,
Que é à tôsca palavra impossivel dizê-las...
Outros os animais; e até outras estrelas
Ardem naquele Céu e alumiam a noite.
A mais boiante nau, inda a que mais se afoite
Com vento de feição, a correr sôbre as vagas,
Vê terra e sempre terra e o Mar batendo as plagas.
O mundo é bem maior e há mais astros no Céu
De que nunca, senhor, sábio algum concebeu!

(*com surpresa e espanto*)

E eu que devia agora haver-me em menos preço,
Quando olho dentro em mim, quási me desconheço,
Tão desvairado o orgulho e a ânsia que me invade:
Sinto-me inda maior junto da imensidade!

INFANTE

(*pensativo*)

Sim, é a vida maior! compreendo-te, amigo.
Quantas vezes pensei isso mesmo comigo...

(*Pausa*)

Vós, snr. Cadamosto?

CADAMOSTO

A tantas maravilhas
Que já tendes, Senhor, trago ainda mais ilhas,
E não as trago eu só. Diogo Gomes que ia
Com António da Nole, em sua companhia,
Foi êsse, a bem dizer, Senhor, que as descobriu,
Pois foi a sua nau a primeira que as viu.

INFANTE

Cadamosto, e onde estão?

CADAMOSTO

Com mui pequeno engano,
Em frente ao Cabo Verde, ao largo, pelo Oceano.

INFANTE

Deram-lhes nome já?

CADAMOSTO

Senhor, às principais:
S. Tiago, Bôa Vista e Ilha de las Moyais.

INFANTE

Folgo de vos ouvir. Se é que neste momento
Pode haver para mim algum contentamento.
Demais tenho receio . . .

(*voltando-se para João Fernandes*)

Esperava escutar-te
Novas bôas ou más da viagem de Valarte.
Sejam as mais crueis, dize; não mas escondas . . .

(*João Fernandes mostra grande embaraço*)

João Fernandes, então?! Afogaram-no as ondas...

JOÃO FERNANDES

(*Indeciso*)

Não as conheço bem...

INFANTE

(*dolorosamente*)

Ah! Sim... teve má sorte...

JOÃO FERNANDES

(*decidindo-se*)

Valarte, meu Senhor, houve mui cruel morte.
O sangue é que o perdeu; era ardente de mais.
Mal chegou á Guiné, pediu aos naturais,

Gente cuja traição sempre foi manifesta,
Que o guiassem em terra ao denso da floresta,
A caçar o elefante. E do seu desatino
Ninguem o demoveu. Era já o Destino.
Lá foi, mas não voltou; lá morreu prisioneiro ;
Mataram-no, depois dum cruel cativeiro.

(*Pausa. Com saudade*)

Como na quieta noite a estrela que desceu
Inda traçou na queda uma esteira no Céu,
Assim Valarte foi: queimou-se como um astro,
Engolfou-se no abismo e inda vive no rastro.

INFANTE

(*com a cabeça entre as mãos, numa voz de amargura*)

Restava-me ainda mais esta gota na taça. (*Pausa*)
A sina de Lobrog, o heroi da tua raça,
Tinha que se cumprir. E que sina tão crua!
O seu «Canto de Morte» era-o, tambêm, da tua.
Valarte, meu irmão!...

(*fica num profundo abatimento*)

LUÍS CARNEIRO

(*solicito*)

Senhor, era melhor
Descançardes agora... e, se não sois peor,
Bem podeis peorar.

(*fazendo menção de o querer levantar*)

Eu mesmo vos levanto,
E vos levo daqui...

INFANTE

(*num suspiro profundo*)

Morte, que tardas tanto...

(*afastando-o*)

Inda não; deixa estar. Dize a Mestre Rodrigo
Que lhe quero falar. João Fernandes, amigo,
Vós, tambêm, Cadamosto, ide, deixai-me só.

(*os tres saem*)

SCENA III

D. HENRIQUE, só

INFANTE

(*apenas sósinho, após um instante de imobilidade, procura silenciosamente em volta com os olhos como se justamente esperasse e receiasse encontrar alguem. Depois, preso dum delirio visionante, fala com amargura*)

Pais, amigos, irmãos, tudo desfeito em pó!...
Eis a Morte! Já vejo em tudo a sua imagem.
Vamo-nos a aprestar para a grande viagem,
Vamos... E agora, sim, que é o Mar Tenebroso...
Tal como êste lá fóra, irado e tormentoso,
Assim vejo o outro Mar da Morte e do Mistério.
Chego às ondas e logo um cortejo funéreo
Cresce direito a mim... São fantasmas doridos...
Ferem o ar com ais e profundos gemidos,
Deixam atrás de si um rastro d'amargura...

(*descrevendo, como se vira tudo o que diz*)

Logo à frente, por Deus! que lívida figura!
Aquele olhar faz mal... Que mágua, que aflição!
É D. Duarte, o Rei, que morreu de paixão...
Vem ainda a chorar por vêr o irmão a ferros...
Pobre Rei! Pobre irmão!

(*levanta-se e caminha com passo trémulo*)

Moiros... malditos perros!
E êle agora lá vem, o pobre Infante Santo!...
Quem olhou algum dia o teu vulto d'encanto
Como há de conhecer esta sombra dorida:
Espectro ensanguentado, um corpo todo em ferida,

Lágrimas a correr pelo rosto desfeito,
E em vez do coração uma cova no peito!
D. Pedro, tu também, cadaver insepulto,
Uma seta a varar-te; a ensanguentar-te o vulto . . .
Lá vem D. Beatriz! Trágica se debruça
Sôbre um túmulo eterno... e em delírio... soluça!
E é Gonçalo de Cintra, é Tristão, e também
Os mais que o Mar levou, tantos que o Mar lá tem!
Valarte, o derradeiro, ergue-se contra a sorte,
E desvairado entôa o seu «Canto de Morte». (*senta-se*)
Que trágica visão! Que lúgubre cortejo!
E sôbre êste holocausto horroroso que eu vejo,
Sôbre todo êste sangue ergui o meu Destino . . .

(*olhando em volta, com olhos de espanto*)

Mas, é tudo real ou será desatino?!
Fantasmas, sombras vãs do delírio em que scismo?!

(*apalpando-se*)

Ou é a morte já?! É a queda no abismo?!

(*recuando, num arripio*)

Sinto invisíveis mãos que se apossam de mim . . .

(*como quem afronta alguem*)

Ei-la! sei onde vou . . . Morte, chegas, enfim!

(*fica com o rosto completamente transtornado pelo delírio visionante, d'olhos fitos e desvairados. Pausa. Entram Luís Carneiro e Mestre Rodrigo*)

SCENA IV

INFANTE, LUÍS CARNEIRO e M. RODRIGO

LUÍS CARNEIRO

(*correndo para o Infante, com sobresalto*)

Que tendes, meu Senhor?! Que foi? Que palidez
Bem o dizia eu... Aí está o que fez
Andar assim de pé...

INFANTE

(*voltando a si*)

Foi desmaio ligeiro...
O Príncipe não vem?

LUÍS CARNEIRO

Mandei um mensageiro
Esperá-lo ao caminho e com êste recado:
Avisar-vos, assim que o tivesse avistado.

INFANTE

Vai vêr. Receio bem que, a ser muita demora,
Já não me encontre vivo... *(Luís Carneiro sai)*
E vós, Rodrigo, agora
Ides-me responder: que pensais dêste mal?
Dizei toda a verdade: é doença mortal?

(*Rodrigo mostra-se muito embaraçado*).

(*Desalentado*)

Já as fôrças vitais de todo se consomem...

(*reparando no embaraço de M. Rodrigo, imperativo e orgulhoso*)

Então?! Que receiais?! Sois em frente dum homem!

RODRIGO

(*com ar compungido*)

Senhor, assim o quereis... Julgo que estais perdido.

INFANTE

(*esforçando-se por mostrar alegre semblante*)

Ou antes, salvo estou...

M. RODRIGO

No divino sentido...

LUÍS CARNEIRO

(*Entrando*)

O Príncipe D. João acaba de chegar.

INFANTE

(*a Luis Carneiro, levantando-se*)

Ampara-me, que eu mesmo o desejo esperar.

(*sai amparado por Luís Carneiro*)

SCENA V

MESTRE RODRIGO, depois FREI GASPAR, JOÃO FERNANDES, MESTRE GUEDELHA e D. MÉCIA

M. RODRIGO

Que homem! Que coração! Mas ser forte não basta...
O espírito vital arde, também se gasta,
E êle viveu de mais, trabalhou sem medida;
Foi um trágico incêndio, ao vento, a sua vida...

Entram Frei Gaspar, M. Guedelha, João Fernandes e D. Mécia, e dirigem-se com aflição a M. Rodrigo.

(*Com espanto*)

Mas vós, senhores, aqui?!...

D. MÉCIA

(*aflitivamente*)

Dizei, Mestre Rodrigo:
É certo a sua vida estar em grande perigo?!

M. RODRIGO

(*com tristeza*)

Senhora D. Mécia, eu perdi toda a esprança.
Esforçou-se de mais, e a vida tambem cança...
Vivia numa hora a vida, de maneira
Que nem outros talvez, numa existência inteira.

(*voltando-se para os que entraram*)

Mas vós, aqui?!

FREI GASPAR

Senhor, viemos de longada,
Mais por acompanhar o Príncipe em jornada;
E eram bem longe disto os nossos pensamentos.
Iremos assistir-lhe aos últimos momentos?

M. RODRIGO

Dom Prior, bem o julgo...

M. GUEDELHA

(*que se aproximou do varandim*)

O mar ruge lá fóra,
Como que a adivinhar-lhe a derradeira hora...

JOÃO FERNANDES

(*aproximando-se com os outros*)

É o Oceano a chorar pela morte do heroi.

FREI GASPAR

(*distraido*)

Que tormenta desfeita!

JOÃO FERNANDES

(*continuando*)

E nenhum outro foi
Para vencer o Mar, de vontade tamanha;
Um ânimo maior não houve em toda a Espanha!
Quantos perigos dobrou seu espantoso esforço!

FREI GASPAR

João Fernandes, dizei-me: — e o profundo remorso
Que o há de atribular, como um agudo espinho
Posto no coração, quando olhar o caminho
Que na vida rasgou, cheio de sangue e luto!
Glorificais o heroi! seja; mas eu escuto,
Em volta dessa fama heroica que exaltais,
Os que êle espedaçou, gemendo em tristes ais.

JOÃO FERNANDES

Nem houve nunca empresa ou levantado intento,
Que o homem não firmasse em sangue e sofrimento!

Virão as gerações, mas de edade em edade,
Pelos tempos sem fim, por toda a Eternidade,
Quem meditar no Infante há de sempre exclamar:
«Que grande que êle foi!» E inda, emquanto pulsar
Num peito português um nobre coração,
Há de vir aprender esta brava lição
E direi mais, louvar-lhe a sangrenta dureza.

MESTRE GUEDELHA

(*Que tem olhado sempre para o mar, gesticulando por vezes, extasiado perante a grandeza do espectáculo*)

Olhai antes o Mar! Que profunda beleza!
O Céu nos longes d'água em labaredas arde,
E cava-se, é maior na grandeza da Tarde...
Podesseis escutar êste abismo sidério!
E eu ouço o Céu e o Mar... eu soletro o Mistério!

FREI GASPAR

(*com enfado*)

Olhai, Mestre Rodrigo: os nossos reais amos
Esquecem-se a falar... Vinde vêr se os achamos...

(*Saem. Ficam apenas olhando ainda o mar, Mestre Guedelha e D. Mécia, que durante a scena tem composto o altar da Virgem, parada, olhando a imagem num silencio de oração. Mestre Guedelha fita-a e sai discretamente*)

SCENA VII

D. MÉCIA, só

D. MÉCIA

(*prostrando-se no chão perante o altar da Virgem e implorando aflitivamente*)

Oh! Senhora da Bonança,
Virgem da Bôa Viagem,
Luz do Céu, riso d'esperança
Nas ondas, à marinhagem,

Guia o pobre mareante
Desta nau desarvorada;
Protege a alma do Infante
Na derradeira jornada.

Se o Mar das Tormentas tem
Estrela de tanto brilho,
Leva-o no seio de Mãe,
Como se fôra teu filho.

Ê ao dar da hora final,
Quando, emfim, chegar a Morte,
Não lhe deixes fazer mal;
Doi-te da sua má sòrte.

Leva-o num raio do olhar,
Tu que amainas as procelas
E senhoreias o Mar,
Virgem-Mãe das caravelas!

(O Infante, que entra acompanhado por Luís Carneiro, ao abrir o reposteiro, estaca, num espanto, vendo D. Mécia, ajoelhada. Esta ergue-se confusa e quasi envergonhada. Luís Carneiro, depois que ajudou o Infante a sentar-se numa cadeira, sai)

SCENA VIII

INFANTE e D. MÉCIA

INFANTE

Vós rezaveis, senhora?

D. MÈCIA

(dominando a comoção)

Era por vosso amôr...

INFANTE

E amais-me, acaso, ainda?

D. MÉCIA

Inda e sempre, Senhor.

(*Pausa*)

Deveis saber que eu fui da Rainha Isabel,
Que foi mulher d'El-Rei, a dona mais fiel.
Á hora de morrer pediu-me, e eu prometi-lho,
Que não deixasse a côrte e criasse o seu filho,
Que o ensinasse a sêr um príncipe perfeito...
Há quanto isso lá vai! e eu assim tenho feito.
Dou-vos a vós, Senhor, como o maior exemplo;
Nêle vos tenho amado e já hoje contemplo
Vossa imagem fiel no Príncipe D. João...

INFANTE

Despedacei o amôr dentro do coração,
E afinal para quê? Para melhor amar!
Tambem eu vos amei nesta terra e no mar;
Amei-vos porque amei como ninguem na vida!
E na hora final, na grande despedida,
Inda no vosso amôr meu coração se acalma.
Sim! O Príncipe tem quási que a minha alma...

(*Pausa. Com exaltação*)

Asas medindo o céu é o amor que as expande!
Porque amei, construi! Só o amôr é grande.
E o que de mim não morre é que ardeu nessa chama!
Se Deus é imortal, é que Deus tambem ama...

(*com orgulho*)

Mas nada do que fiz inda hoje recuso;
Fui cruel por amôr... sofro... mas não me acuso.

(*ao dizer as ultimas palavras, já tomado de cansaço, começa a respirar ansiadamente e leva as mãos ao peito, com aflição*)

D. MÉCIA

(*aflitivamente*)

Senhor, que é?!

INFANTE

(*falando com dificuldade*)

A morte... O Príncipe que venha...
Tantas vezes a vi, quási que não me é estranha!

(*D. Mécia sai. Entram o Principe, Luis Carneiro, Mestre Guedelha e João Fernandes, e rodeiam o Infante, num silencio de respeito e dôr*).

SCENA IX

INFANTE, PRINCIPE, LUÍS CARNEIRO, JOÃO FERNANDES e MESTRE GUEDELHA

INFANTE

(*ao Príncipe*)

Sou quási teu avô. Por isso te chamei,
Príncipe, que ámanhã, talvez, hás de ser Rei.
E pois que eu dei o Mar aos reis de Portugal
Ouve-me, antes que chegue a tormenta final.

(*Pausa. Erguendo o busto e em voz solene*)

Quem quer vencer o Mar, tome-lhe o duro travo
De profundo amargôr: seja ainda mais bravo!
O Mar, como Baal, deus dos cartagineses,
Só se doma com sangue; e, ai de mim! quantas vezes,
Pra poder aquietar-lhe êsses furores insanos,
Tive de lhe oferecer sacrifícios humanos!
Quem quer vencer o Mar, despreze o Amôr da Terra!
O pior inimigo, a mais cruenta guerra
Vive no coração, é do peito que vem:
Se algum dia gemer, despedaça-o também!

(*com firmeza*)

Esculpe o teu perfil no mármore da vida,
Firma o nobre lavor co'a mão bem decidida.
Todo o homem nasceu, seja vilão ou Rei,
Com seu destino próprio... e o mesmo cada grei.
Mas hão de conquistá-lo. E homem, povo divino,
É só o que se eleva ao seu próprio Destino.
E, se erguendo o cinzel, rasgando o vulto régio,
Tu alcançares fundir o teu destino egrégio
Com o da forte grei que o teu braço governa,
Há de rir-se da Morte a vossa estátua eterna!

PRÍNCIPE

(*com ar sombrio e grave*)

Graças vos dou, meu Tio. Eu farei por cumprir
Tudo quanto dizeis.

INFANTE

(*preso duma terrivel ansiedade*)

Podesse eu transfundir

Êste rio de sangue a trasbordar do leito,
Esta lava, êste fogo, a dentro do teu peito
Para me seres egual! Podesse eu dar-te à mão,
Como um facho abrazado, êste meu coração
Pra te abrazar tambêm! Podesse eu dar-te o anseio,
Que inda me faz tremer, que me devora o seio,
E eu podia morrer; iria descançar
Quási feliz, enfim!

MESTRE GUEDELHA

(*alçando a voz em tom profético*)

Pelas vozes do Mar
Pelo que diz o Céu e o que murmura o vento,
Pode, emfim, descançar êsse bravo tormento.
Arde no coração desta nobre creança
Todo o orgulho do Rei. Podes morrer, descança:
É o teu próprio ardor que nas veias lhe corre.
Deixas-lhe bem o Mar; o teu nome não morre.
E se para firmar a régia magestade,
Se deve têr na mão a dura crueldade,
Já o vejo a rasgar o destino imortal,
A ferro, a fogo, a sangue, a golpes de punhal!

(*A respiração do Infante torna-se mais ansiada. O peito ergue-se-lhe em convulsões*)

LUÍS CARNEIRO

(*com aflição*)

Que tendes meu Senhor?... encostai a cabeça...

INFANTE

(*em voz débil*)

Morro... Chamem-me um padre... e que venha depressa...

(*João Fernandes e Luís Carneiro levam-no em braços para o leito. O Infante fica-se de cabeça baixa, num silêncio de morte. Luis Carneiro sai em pontas de pés. D. Mécia chora sufocadamente. Pouco a pouco a luz foi decrescendo; e do largo e fundo Céu, ao longe, chegam agora as sombras da noite*)

*

JOÃO FERNANDES

(*baixo*)

Calou-se mais o Mar...

MESTRE GUEDELHA

(*baixo*)

Vai morrer o dia...

JOÃO FERNANDES

(*baixo*)

É a tarde que vem assistir-lhe à agonia!

(*Entra Frei Gaspar pausada e solenemente, de hábitos religiosos. Saem todos, menos Frei Gaspar*)

SCENA X

INFANTE e FREI GASPAR

(*no silencio e na meia obscuridade da câmara, Frei Gaspar fica imovel, solene, junto do leito, sem que o Infante dê por ele. Até que este, vagarosamente, volta a cabeça e o vê*)

INFANTE

Ah! «Confiteor Deo omnipotente, beatæ...»

(*as palavras seguintes da confissão, ditas num murmurio leve, mal se ouvem*)

FREI GASPAR

(*com solenidade*)

Basta-vos confessar apenas um pecado.

(*erguendo a voz*)

Sois às portas do Eterno; êle vos tem chamado.
Lá não deveis entrar com o sangue nas mãos:
Matar é sempre crime, inda mais sendo irmãos.

INFANTE

(*estremecendo com indignação*)

Mentes, frade... Quem és?!

(*reconhecendo-o, depois de o olhar*)

Até aqui!... E agora...

FREI GASPAR

(*com solenidade terrivel*)

Quiz Deus que ao pé de vós, na derradeira hora,
Eu que vos sei a vida, ao tocardes-lhe o extremo,
Fosse p'ra vos julgar como juiz supremo.
Cada palavra vossa é um julgamento eterno:
Ou vos salva ou condena: abre o Céu ou o Inferno!

INFANTE

Nunca! Não os matei!... Padre, bem sei que morro,
Mas renego-te! Vai! Desprezo o teu socorro!

FREI GASPAR

(*com solta cólera*)

Senhôr! Pois quem levou a Tanger D. Fernando
E D. Duarte e D. Pedro a fim tão miserando?!
Quem por negra ambição sacrificou os seus?!
Ou dizeis a verdade ou vos condena Deus!

INFANTE

(*com dificuldade e acento sublime na voz*)

Padre escuta-me bem, fala-te um moribundo,
Já no último arranco, ao entrar no Outro Mundo.
Obedeci ao Céu! Vim por mando divino
Dar ao Homem e à Terra outro e maior Destino.
Por mando seu rasguei de sôbre o Mundo a Treva;
E, sempre que alguem há que tão alto se eleva
E que Deus o tornou tão poderoso e forte,
Para moldar a Vida há de espalhar a Morte!

(*num grande esforço*)

Deus, que és em toda a parte e vês o que é oculto,
Absolve-me tu, poupa-me a êste insulto!

(*ao dizer as últimas palavras, tomba-lhe a cabeça pesadamente para o lado e fica imovel, como se fôra morto*)

FREI GASPAR

(*fita-se petrificado de espanto por momentos. De súbito corre para a porta e exclama*)

Venham! Venham depressa!

SCENA XI

OS MESMOS, D. MÉCIA, PRÍNCIPE, MESTRE GUEDELHA,
LUÍS CARNEIRO, JOÃO FERNANDES
E MARINHEIROS, QUE VÃO ENTRANDO POUCO A POUCO

JOÃO FERNANDES

(*correndo ansioso*)

Morreu?!

MESTRE GUEDELHA

(*olhando-o*)

É já o fim!

D. MÉCIA

(*aflitivamente*)

Valei-lhe, Mãe de Deus!

INFANTE

(*voltando a si*)

Levem-me ao varandim...
Quero dizer-lhe adeus...

(*João Fernandes e Luis Carneiro levam-no em braços e sentam-no na cadeira, em frente do Mar. João Fernandes e alguns marinheiros que têm entrado, de cabeça descoberta, ajoelham em torno do Infante. Com crescente dificuldade e uma voz que, pouco a pouco, se vai extinguindo*)

É o último olhar . . .
Nunca mais te verei . . . adeus . . . adeus . . . Oh ! Mar !

(*João Fernandes rompe em soluços*)

Quem chora aqui ? Sois vós ! O mais bravo, o mais forte!
Eu, que te vi sorrir tanta vez junto à Morte !
Príncipe, aqui os tens, meus filhos e do povo ;
E nunca os houve assim. Deixo-te o «Homem novo».
A vida, o Mundo, o Mar, tudo é novo e diferente...
Sopra um vento de luz das bandas do Oriente . . .

(*numa visão inspirada e profética*)

Ei-lo ! Maior do que o sonhei o nosso Império ! . . .
Olha os mundos que vêm a nascer do Mistério . . .
Que explendor de manhã !... Que profundo horizonte...
Cresce o homem no alêm ! . . . Eis que alevanta a fronte,
E exalta-se em beleza e em esforço fecundo
Tanto e de cada vez que se dilata o Mundo . . .
Lá sobe . . . e livre enfim . . . da noite onde era imerso
Mede a alma tambêm pelo próprio Universo !

(*Pára desfalecido. M. Guedelha levanta-se e debruça-se sôbre o Infante*)

JOÃO FERNANDES

(*baixo, a M. Guedelha*)

Senhôr Mestre, morreu ?

MESTRE GUEDELHA

(*impondo silencio*)

Calem-se: inda respira . . .

INFANTE

(*agonizante*)

Já não vejo . . . ceguei . . .

(*murmura palavras indistintas*)

MESTRE GUEDELHA

Mal se escuta . . . delira . . .

INFANTE

(*em delírio e voz que se extingue*)

Marinheiros leais! Eh! lá!... Ás caravelas!...
Sopra o vento aguião!.. Larguem-lhe bem as velas!...
Assim ... ao largo ... alêm ... Terra!... Vida imortal!
Índia ... Preste João .. Portugal ... Portugal!...

(*A cabeça tomba-lhe e fica imovel. Ajoelham todos. Alguns marinheiros choram alto. O Principe beija-lhe uma das mãos inertes. D. Mécia soluça*).

O pano desce lentamente

« LAUS DEO »

Heroico

Por - tu - gal

Subito ff

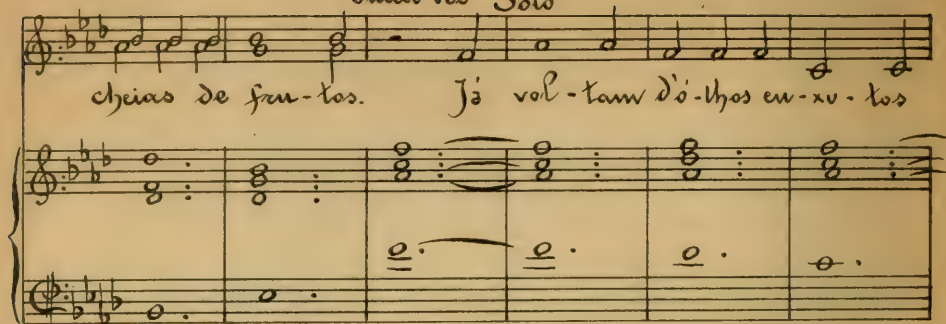
É um na - vi - - - - o, Que an - da na ro - ta do mar......

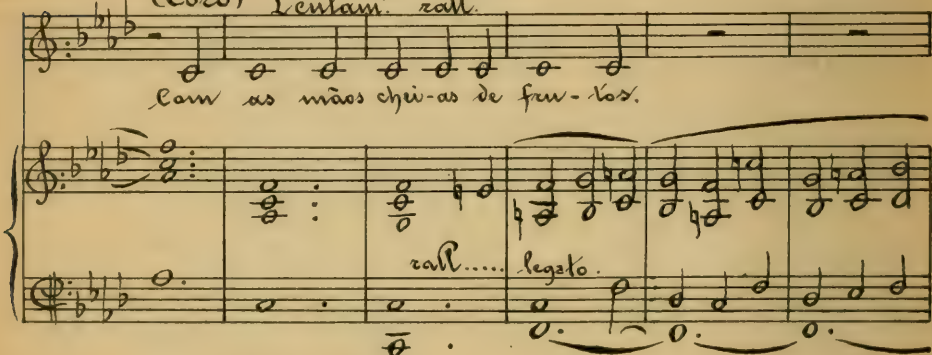
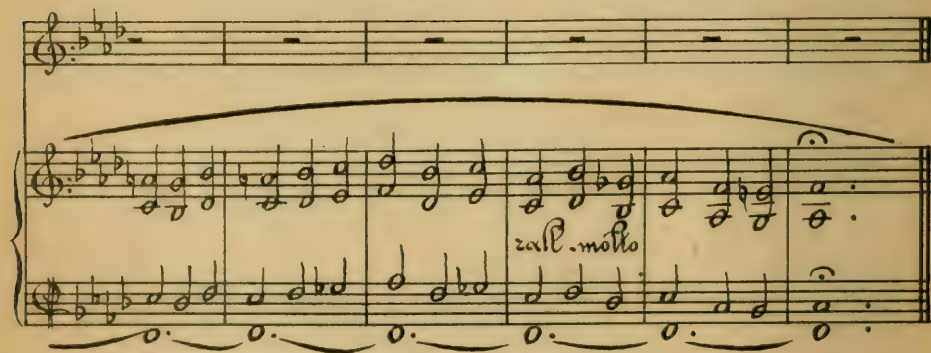
Va - mos ás I - lhas o - cul - tas Eh! gen - te!

ff

to ca a em bar - car!

sfz

sfz

Fim

Outra vez Sólo

cheias de fru-tos. Já vol-tam d'ó-lhos en-xu-tos

(Côro) Lentam.te rall.

Com as mãos chei-as de fru-tos.

rall..... legato.

rall. molto

NOTA FINAL

É dever nosso manifestar aqui público agradecimento e homenagem áqueles que de qualquer forma colaboraram nesta obra ou auxiliaram a sua construção decorativa. Êsses generosos colaboradôres e auxiliares fôram: o grande compositor Oscar da Silva, que nela colaborou com dois formosíssimos trechos musicais; o sábio historiador da Arte Joaquim de Vasconcelos, que muito nos auxiliou na caracterização scénica da época; o ilustre autôr de *A Astronomia dos Lusíadas,* professôr Luciano Pereira da Silva, a quem devemos a segura indicação dos instrumentos nauticos conhecidos ao tempo do Infante; o erudito professôr e filólogo Antonio de Vasconcelos, que nos resolveu várias dificuldades concernentes à liturgia e indumentária eclesiásticas da época; e o proficientíssimo conservadôr da Torre do Tombo, Pedro d'Azevedo, que nos facultou e auxiliou a leitura de preciosos documentos coevos.

A representação scénica total não corresponde exactamente, por deficiências de ocasião, ao drama escrito; mas, porque as divergências são pequenas, não as referimos.

J. C.

ÍNDICE

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 25 DE NOVEMBRO DE 1916.